Livros do autor Albinno Neves:

Caminho da Luz - O Caminho do Brasil
A.S. Editora Ltda
Chácara Luz da Manhã
Carangola/MG - CEP 36800-000
Tel: (32) 3741-3445

O Andarilho - A Viagem Rumo ao Infinito
Coleção Ocultismo & Esoterismo - Volume 7
Número no catálogo geral 969/9B
Editora Mandala - Vila Rica Editora
Rua do Serro, 1399
Santa Luzia/MG - CEP 33010-350
Tel: (31) 3641-6843 e 3212-4600



Um Caminho dentro do Caminho

Uma peregrinação
pelas lendas, cantos e
contos do
Caminho da Luz
o Caminho do Brasil

Albinno Neves
André Esteves
Paulo Basstos

EDITORA

Copyright 2006
Albinno Neves - André Esteves - Paulo Basstos
1ª Edição

Um Caminho dentro do Caminho

Uma peregrinação pelas lendas,
cantos econtos do Caminho da Luz,
o Caminho do Brasil

Capa, contracapa e diagramação
Paulo Basstos

Ilustrações
Paulo Basstos

Fotos
Albinno Neves e André Esteves

Produção
Associação Brasileira dos Amigos do Caminho da Luz
ABRALUZ

Revisão
Lêda Maria Brandi Nardelli

Impressão
Editora Caratinga
Rua Cel. Antônio da Silva, 97 - Centro - Caratinga - MG
Telefax: (33) 3321-1413

Contatos
Chácara Luz da Manhã, Caixa Postal 16,
Carangola, Minas Gerais, Brasil. CEP 36800-000
e-mail: albinnoneves@yahoo.com.br ou
Tel. (32) 3741-3445
Site: **www.caminhodaluz.org.br**

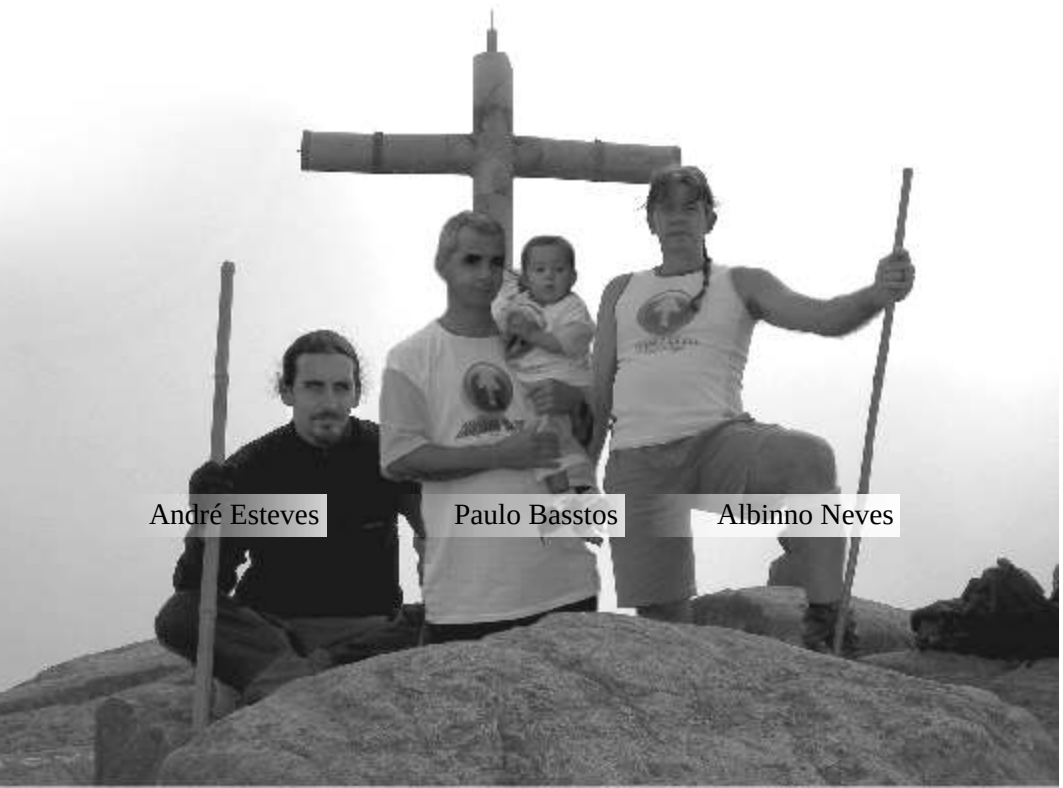
Sumário

6 Agradecimento
7 Prefácio
9 Apresentação de Albinno Neves
11 Apresentação de André Esteves
13 Apresentação de Paulo Basstos
15 Os primeiros raios de sol...
17 Histórias do indigenista Itatuitim Ruas
23 O aparecimento de Nossa Senhora da Luz
26 As histórias de Sebastião Benzedeiro
29 Dona Neuza e a Gruta da Pedra Santa
30 Dona Dulce participa do milagre
31 A terra dos Lazaroni
33 O surgimento da água santa
34 O sagrado quebra as garrafas profanas
36 Rituais da água santa
38 A árvore mal-assombrada
40 As bênçãos de Dona Ana
42 A história da Mãe do Ouro
44 A hospitalidade da família Fava
46 Os rituais do velho Xamã
48 As histórias do Coronel Novaes
54 O aparecimento da Iara
59 O Coroné do Bem
62 O Cavaleiro Fantasma
64 Mataram o Lobisomem
65 Saci-pererê
67 O capitão do mato
68 Sonda ufológica
70 O Caxambu e a bananeira
71 Caparam o Ó
72 O centro do Universo
75 Caçaram os guerrilheiros
78 A morte do valentão
79 A Cruz do Crioulo

Agradecimento

Agradecemos a todos os moradores
ao longo do Caminho da Luz, o Caminho
do Brasil por dividirem conosco as histórias
guardadas no baú de suas
existências e que fazem parte da cultura e do
folclore regional. Que a
Luz Divina esteja no coração de
cada um de vocês.
Agradecemos também a cada hospedeiro, cada
colaborador e a cada caminhante, pois vocês
ajudam na construção do Caminho.

Paz e Luz a todos!



Prefácio

A CIDADANIA DO CAMINHO

Seguindo os comentários da Bíblia de Jesuralém, "o Caminho designa a conduta do homem ou a comunidade dos fiéis". Dentro deste mesmo espírito, o caminheiro Albinno Neves expressa: "O verdadeiro caminho tem apenas trinta centímetros, liga a mente ao coração e o coração à mente". Por mais longe que seja a estrada, por mais tortuosos os obstáculos, seja com o nome de Compostela, de Passos de Anchieta, da Fé ou nosso Caminho da Luz, temos que ter esta conduta que nos transforme, converta e faça nascer em nós o homem novo e a mulher nova.

O Salmo 119(118) explicita este Caminho: *"Felizes os íntegros em seu Caminho(...) Que meus caminhos sejam firmes (...) Afasta-me do Caminho da mentira (...) Escolhi o Caminho da verdade, e me conformo às tuas normas (...) Tua palavra é lâmpada para os meus pés, e luz para o meu Caminho"(...)*

Sabemos que não é uma ação fácil, a estrada da vida tem muitas armadilhas, pedras e animais à espreita, e o próprio Jesus nos diz que "estreita, porém, é a porta e apertado o caminho que conduz à Vida; e poucos são os que o encontram" (Mt. 7,13).

Ser cidadão do Caminho é saber enfrentar estas dificuldades e estar solidário aos sofrimentos e dores dos mais pobres. E fazer deste canto um programa de vida: "Peregrino nas estradas de um mundo desigual, espoliado pelo lucro e ambição do capital". Não ser ingênuo e não perceber os mecanismos desta exploração em uma sociedade neoliberal. Enfrentar a luta pela justiça. Ser cidadão, não temer correr riscos de até ser preso pela causa da justiça, como os seguidores do Caminho dos Atos (experiência que Albinno já viveu em sua trajetória de vida).

Ao ler as estórias e história do escritor e jornalista Albinno Neves e do jornalista André Esteves registradas pelas trilhas do "Caminho da Luz, o Caminho do Brasil", não resisti em fazer estas reflexões pretensamente teológicas-pastorais sobre o Caminho. Colocar um pouco do meu encantamento por este trabalho desenvolvido por Albinno em cidades e comunidades onde convivo há mais de

20 anos: vivendo a experiência mágica de Itatuitim Ruas, encontrando com a filosofia profunda do Seu João Batista Esteves, avivando a fé nos relatos da Gruta da Pedra Santa do Seu Sebastião e da Dona Neuza, mergulhando nos mistérios da Água Santa com a Ângela e o sofrimento e fé de Carminha, vibrando no mistério de Deus vivido por Dona Ana com a plasticidade do Salmo 121 ("Javé guarda a tua partida e chegada, desde agora e para sempre"), arrepiando como os "causos" de Dona Sebastiana, solidarizando com a causa da igualdade racial no olhar firme e digno do Sr. Geraldo Tabuleta, surpreendendo-me com os contos "Guimarâneos" do Seu Wilson, conhecendo a história com o Sr. Cordovil Campos Alvim, enfim tantos personagens, tantas vida, tanta beleza, tantas luzes pelo Caminho (Tão Barnabé, Aldo Luiz, Zezé, Hodias, Seu Osmar, enfim os profetas da Luz...).

Relatos vivos que valorizam a sabedoria popular e nos despertam para as riquezas que encontramos no Caminho da Luz e nos anima a ser peregrinos por esta trilha já percorrida pelos povos originários do Brasil, na busca do Mistério Maior, que pode ser chamado de Tupã, Rudá, Ianderu, Javé, Alá, um Deus Universal, de Todos os Nomes, de todos os povos. Caminho da Luz que nos leva a descobrir em cada cidade, em cada ponto do Caminho, em cada "causo" ouvido, na exuberante natureza do Caparaó, o Mistério insondável.

Ser cidadão do Caminho da Luz é assumir a causa da defesa da ecologia, esta grande obra do Artista Maior do Universo. Não permitir que a ganância do lucro de poucos manche ou polua este belo quadro criado para o deleite de todos. É encontrar Deus numa orquídea, nas matas ainda preservadas, nos micos e outros bichos, nas muitas cachoeiras, no nascer e no por do sol, nas cantigas dos pássaros, em gente de carne e osso que o peregrino encontra pelo Caminho.

Como palavra de conclusão quero agradecer ao Albinno Neves pela criação do Caminho da Luz, que além de avivar esta "fome e sede" pelo Deus da Justiça, vem ajudar no progresso e desenvolvimento de nossa região. Este é um verdadeiro cidadão do Caminho.

Durval Ângelo Andrade
Assessor de pastorais e CEB's
Professor do ISTA
Presidente da Comissão de Direitos Humanos

Apresentação

Albinno Neves

"Reviver estas histórias é voltar à infância, entrar no centro da terra e fazer surgir o que existe de mais profundo em suas raízes culturais".

Quando eu era menino pensava como menino e achava que as obras que realizava eram de minha própria autoria. Desconhecia que na verdade eu era um mero instrumento nas mãos Daquele que me criou. Como todos, com uma missão a cumprir neste Planeta.

Ao retornar de Israel, depois de peregrinar pelos Passos de Jesus, ao lado de meus irmãos Antônio César Andrade, Eustáquio Palhares e Lucas Izoton, vi-me intuído, no topo da Montanha Sagrada, a criar o Caminho da Luz, o Caminho do Brasil.

Não supunha a dimensão do que havia criado, como bem me alertara meu amigo e editor Pedro Paulo Moreira. O tempo foi passando e eu constatando que a visão futurista do editor estava certa.

Durante o Seminário e a Audiência Pública promovidos pela Associação Brasileira dos Amigos do Caminho da Luz - ABRALUZ, em Tombos, o indigenista Itatuitim Ruas anunciou que os índios já percorriam a mesma rota onde hoje é o Caminho da Luz a centenas de anos e que ela era conhecida como o Caminho de Ianderu, o Caminho da Terra dos Sem Males que conduzia-os à Montanha Sagrada, o Pico da Bandeira, onde reside o Deus Rudá, o Deus do Amor.

Da mesma forma que as declarações de Itatuitim vieram mostrar-me mais uma vez que somos apenas seres em evolução guiados pela Sublime Mão do Criador, serviram de base para o início deste livro.

Meu amigo Paulo Basstos, que eu não via há muitos anos, apareceu como que por encanto para peregrinar no Caminho e depois disso adotou-o da mesma forma que eu.

Tanto eu como o Paulo sempre nos encantamos com os casos contados pela gente ao longo da rota de peregrinação e dentro de nós havia aquele sonho retido de um dia contar algumas histórias que andam vivas na alma da gente do Caminho, principalmente daqueles

que já ultrapassaram os oitenta anos de idade.

Quando André Esteves conversou comigo sobre o Caminho, foi despertado para a idéia de um outro caminho dentro daquele e resolveu escrever para uma revista ligada a raízes culturais brasileiras um pouco dessas histórias.

Ao tomar conhecimento do fato e também de que existia um grande manancial para ser contado, sugeri ao André que juntos escrevêssemos este livro e ele topou. Foram vários dias de pesquisa e outros tantos de elaboração. Mas faltava algo e esse algo era a participação do Paulo Basstos, com seus traços mágicos e sensíveis para ilustrar a obra.

Assim nasce o livro "Um Caminho dentro do Caminho" com o objetivo de preservar a cultura local e também de oferecer aos caminhantes a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre os municípios de Tombos, Pedra Dourada, Faria Lemos, Carangola, Caiana, Espera Feliz, Caparaó e Alto Caparaó, os distritos de Catuné e Água Santa e a comunidade de Pedra Menina.

Dividir com o leitor essa obra é imortalizar o que a era da informática, com sua celeridade, está sepultando.

Desejo a todos uma boa peregrinação neste novo Caminho que nasce de seis mãos e três corações repletos de alegria em dividir cada história aqui contada.

Albinno Neves (*)
Palestrante, consultor, escritor,
jornalista e criador do Caminho da Luz,
o Caminho do Brasil.

Apresentação

André Esteves

O que você dá te pertence.
O que você guarda é perdido para sempre."
Provérbio Armênio.

Nada funcionou como o planejado. A viagem de 5 dias pelo Parque do Caparaó se transformou em 12 dias de peregrinação pelo Caminho da Luz que, por sua vez, se esticou em quase um mês de andanças pela zona da Mata Mineira em busca de parte das histórias que compõem esse livro. Como peregrino, confesso: fiquei fascinado com o Caminho. Em que outro país senão o Brasil uma rota de peregrinação reuniria a mesma multiplicidade de belezas naturais, a mística de percorrer uma antiga trilha sagrada indígena, a visita a lugares encantados pelo imaginário popular.

Contudo, para entender a experiência do Caminho da Luz, é preciso ater-se à sua dimensão humana profunda: o reencontro com as gentes da Zona da Mata. Presentes em cada margem da estrada, ali estão eles: os guardiões das histórias, contos e lendas relatadas no livro. São mestres da mais nobre linhagem da Simplicidade e da Gentileza; personagens em vias de esquecimento e abandono, mas onde se ancora a mais firme raiz do que se conhece como cultura regional brasileira.

O peregrino que conduz a narrativa do livro representa menos um personagem ou pessoa. É, antes de tudo, símbolo de um estado de espírito com que se percorre o Caminho da Luz. É o que acontece quando a mente e o coração do caminhante abandonam o acelerado tempo superficial do consumo e individualismo das grandes cidades para adentrar o tempo profundo do reencontro do homem com o próprio homem.

E é justamente nesse movimento lento de temporalidade abissal – que é a mesma da Filosofia, do Sagrado, do Amor! – que o caminhante pode descobrir os segredos do Caminho: num copo d'água fresca ofertado à beira da estrada, no cafezinho servido a qualquer hora do dia, na alegria do receber como mãe ou pai as

cansadas figuras sem nome que vagam por ali em busca de alguma coisa. Somente assim, pode-se entender o mistério do que acontece ao peregrino nos 195 km de caminhada; de como se é transformado pelo sorriso, o olhar ou mesmo um aperto de mão; pelo convite para entrar ou pela benção de despedida.

Pode-se dizer que falar sobre a autoria do livro é mero formalismo. Em verdade, as seis mãos que materializaram a obra têm apenas o mérito em comum de aspirar ao Bem, ao Bom e ao Belo projetados no Caminho. De resto, formam apenas uma pequena ponte a ligar o leitor aos verdadeiros autores, encontrados em cada margem do Caminho da Luz. Só com esse entendimento é possível entender a importância do livro. Suas histórias e causos não pretendem estatuto de verdade, nem mesmo ser apenas resgate cultural. Mas constitui uma possibilidade de questionar as bases do pensamento racional e cartesiano do homem moderno, que em 400 anos foi incapaz de construir uma humanidade plena. E quando estamos todos em vias de fracassar como projeto de civilização, fica uma pergunta no ar: como isso pôde acontecer quando em nossa natureza mais íntima somos as Anas e Sebastiões, Franciscas e Tabuletas, Sebastianas e Wilsons; personificações de Amor e Gentileza apresentados no livro e encontrados ao longo do caminho? Com base nesse mistério, podemos sim, ainda ter Esperança.

Quanto a mim, encontrei o mais valioso bem buscado por um peregrino: vim percorrer o Caminho, e me tornei parte dele.

André Esteves
nasceu no Rio de Janeiro em 1973,
é jornalista e mestre em Comunicação
e Cultura pela UFRJ.
Pesquisador vinculado ao Laboratório de Estudos sobre Comunicação Comunitária (LECC) da UFRJ, atua no desenvolvimento de projetos de comunicação e resgate cultural em espaços de favela no Rio de Janeiro.

Apresentação

Paulo Basstos

Corre... e procura o Caminho
esta espera é morte e finda onde começa o Amor.

Tudo começou em um passeio de bicicleta por estas belas trilhas que fazem o Caminho da Luz. Estávamos eu e o Paulo Félix preparando-nos para o Bike Trilhas de Espera Feliz.

Natureza privilegiada contrastando com o abandono e pobreza de algumas propriedades que poderiam, por direito, ser tombadas como patrimônio. Aquele misto de beleza e pobreza foi o tema durante o passeio.

Comecei lembrando-me de como era diferente em minha infância, boa parte dela passada na zona rural. Nossa região nunca foi considerada rica. Naquele tempo, porém, mesmo com dificuldades, a vida era generosa. Posso afirmar que não havia este abandono. Toda propriedade era um núcleo de produção. Plantava-se e colhia-se de tudo, os engenhos produziam e os bailes eram de pura animação. Mesmo as casas mais humildes tinham horta, pomar, chiqueiro e galinheiro e depois de um dia de trabalho, as prosas e histórias faziam a imaginação dos ouvintes viajarem misteriosamente pelo desconhecido. Realmente, em um passeio desses, naqueles tempos, não encontraríamos as chaminés apagadas e os campos abandonados.

Sim, os tempos mudaram, mas muita coisa poderia ter sido preservada. Começamos, a partir daí, sonhadoramente, a criar soluções para resolver o problema. O que poderia ser feito para que uma região tão rica em belezas naturais pudesse resgatar o progresso e a dignidade? Uma usina de álcool, uma fábrica, isso ou aquilo... Mas, para cada projeto, havia um senão: este não é viável, este polui, aquele não vai atender a todos. Enfim, a situação parecia mesmo estar perdida.

Dias depois, estava fazendo o Bike Trilhas, gratificado e agradecido a Deus por estar vivo e participando daquele evento, num cenário de belezas naturais. Sempre gostei do contato com a natureza

e estar ali, vivendo aqueles momentos, depois de alguns problemas de saúde, me fizeram refletir sobre a conversa que havia tido com o Paulo Félix. No último dia, encontrei-me com o Albinno e falei da minha intenção de participar da terceira coletiva do Caminho da Luz.

Neste momento, consigo vivenciar a sucessão de realizações que tive a partir daquela caminhada e posso constatar que o caminho é mágico, o Criador é generoso e quem escuta o caminho, transborda em amor e compreensão. Posso afirmar que o caminho é a solução que buscava para a região, até então sem muita esperança. Ver sonhos, um a um, tornarem-se realidade, me enchem dessa gostosa sensação de que a vida vale a pena.

O Site, a Exposição de Pinturas, o Corredor Cultural, o Ecoluz e agora, este livro, comprovam a riqueza que está escondida em nós. Participar do projeto deste livro fez brotar em mim a criatividade e a certeza de que alguma coisa está sendo feita. Cada história, personagem, ilustração, página montada, foto aplicada, me deram a consciência de ser instrumento da vontade de Deus. Que as coisas se realizam, segundo a Sua vontade, e que eu posso e devo participar delas.

Os contadores e personagens vivos dessa história agora têm a certeza de que estarão imortalizados neste livro. Mais que isso, estarão resgatando tesouros que, pelo menos para mim, estavam perdidos.

O caminho é poderoso e infinito e todo aquele que é tocado, seja como peregrino ou parte dele, se torna útil e definitivo.

É uma grata satisfação ver que, mesmo de forma tímida, outros personagens vão, aos poucos, chegando para ouvir estas histórias e entendendo que mais importante ainda é fazer parte delas.

Paulo Basstos
Desenhista, artista plástico
e apaixonado pelo caminho

Os primeiros raios de sol da manhã não tinham aparecido no céu de Tombos quando o caminhante desembarcou na antiga estação de trem, hoje transformada em rodoviária. Lá se inicia o Caminho da Luz, o Caminho do Brasil. A cidade, fronteira entre Minas Gerais e o Rio de Janeiro, é conhecida como *Portal de Minas*. No passado, ali embarcavam o café e toda a produção agropecuária da região, assim como desembarcavam as modernidades vindas do Rio de Janeiro, a capital da República. Também vinham os aventureiros e jagunços contratados pelos coronéis para impor, pela força das armas, a lei ditada por eles.

Próximo à Estação, era possível ver o sesquicentenário Hotel Serpa, de cuja janelas muitos senhores, coronéis e jagunços espreitavam, à luz do dia ou na calada da noite, os que chegavam e saiam e os que passavam pelas ruas da pacata cidade. O Serpa também recebia a nata da sociedade e ainda guarda o porte imponente de sua primitiva construção muito bem conservada. Foi ali que se hospedaram, no início do século passado, aqueles ingleses muito brancos e altos que construíram uma das primeiras usinas hidrelétricas de Minas, aos pés da cachoeira de Tombos, a quinta maior cachoeira em queda d'água do país.

Aquele seria mais um caminhante entre os milhares que já percorreram o Caminho da Luz desde a sua criação, em julho de 2001. A diferença talvez fosse sua sensibilidade cultural e o despertar da sua vontade em descobrir dentro do Caminho, um novo caminho,

latente na população que ainda hoje reside à margem da rota, representantes da história viva de uma cultura em vias de esquecimento.

Enquanto aguardava o café ser coado, o peregrino ouviu um dos muitos idosos daquela cidade contar uma história sobre o lugar. O que lhe foi relatado deu início a este livro. Foi a primeira de várias outras histórias colhidas ao longo do Caminho. Muitos dos casos contados pela gente da terra parecem ter sido tirados de livros de contos ou ficção. No entanto, seus personagens continuam ali, à beira do Caminho, perto de todos os caminhantes para confirmar a sua veracidade.

Sentar no sopé da porta, em um banco ou toco de madeira, em uma pedra ou mesmo à sombra de uma árvore e ouvir os personagens vivos das histórias narrar com seu jeito maneiro cada uma delas, é um privilégio de qualquer um que se disponha a conhecer histórias fantásticas, guardadas no baú da vida repleto de simplicidade das gentes do campo, um mundo que renasce a cada passo para encantar o caminhante.

Moreno, pele lisa e de boa fala, Itatuitim Ruas nem parece um velho índio de quase oitenta anos de idade. Ninguém diria que, logo ao nascer, estivera a ponto de ser sacrificado pelo cacique de sua tribo. De acordo com as tradições de seu povo, quando a mãe da criança morre no parto, a alma do indiozinho tem que ir morar com a mãe no mundo de seus deuses.

Porém, quis o destino que ele fosse salvo pela missionária Joaquina Cardoso de Andrade e pelo padre Manoel Ruas, de quem herdou parte de seu nome, que mais tarde o entregaram nas mãos do Marechal Rondon. O indigenista adotou aquele menino de olhos vivos e brilhantes e que parecia trazer em sua testa uma estrela muito

especial. De Rondon, Itatuitim herdou uma mistura de nome de índio e de branco. Ganhava, assim, vida, cultura e liberdade.

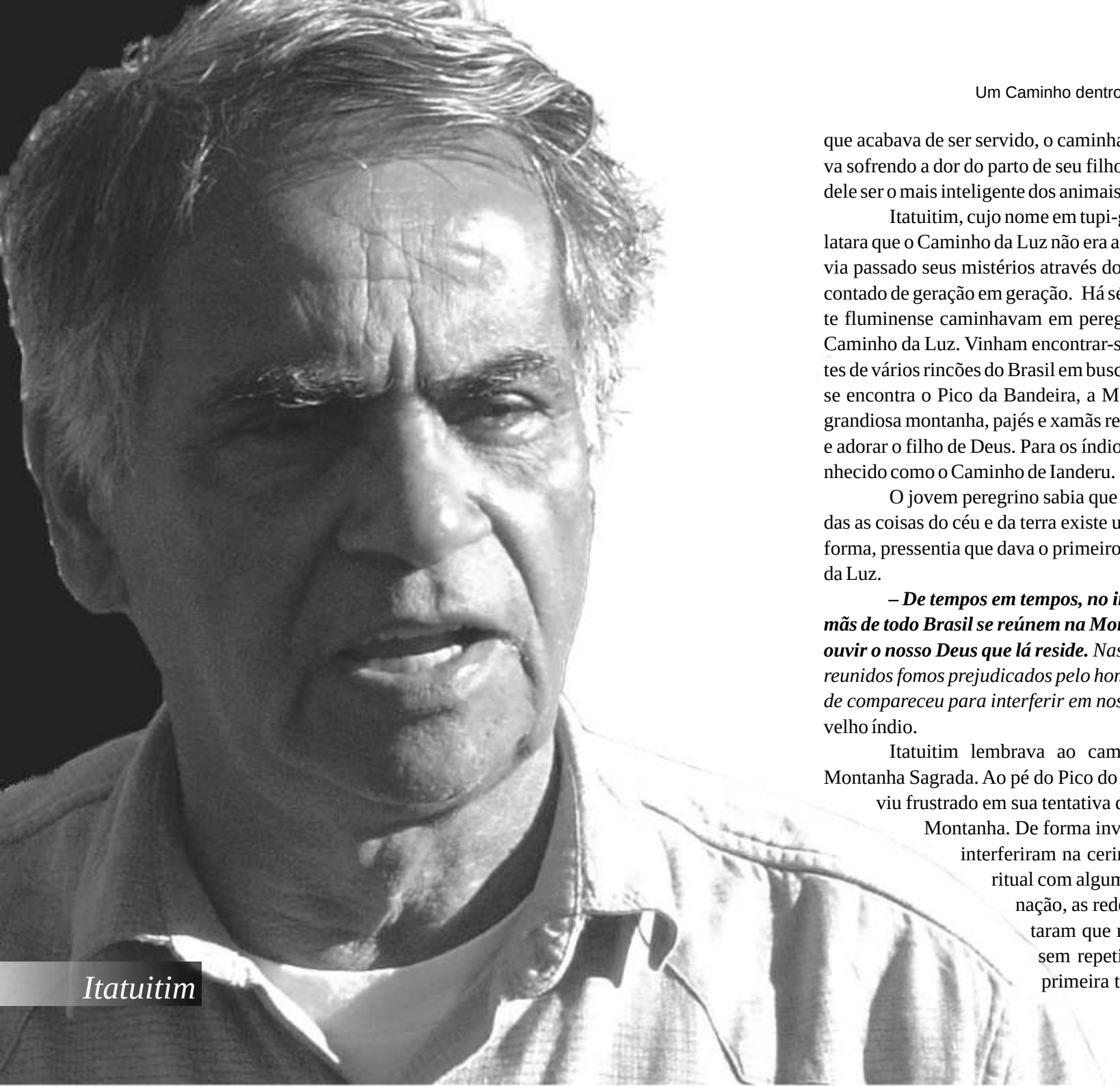
Ao lado do *Pai Cósmico* de criação, o indiozinho foi crescendo e também aprendeu a cultuar os costumes dos brancos. Contudo, não perdeu em momento algum a identidade de sua raça, para ele sagrada.

Inspirado por Rondon, Itatuitim transformou-se em um ferrenho defensor dos índios. Conseguiu ao longo de sua vida muitas vitórias, tornando-se um símbolo guerreiro de coragem e resistência para os membros de sua raça. O velho índio disse ao caminhante que o homem branco precisa voltar ao útero da Terra. Que é preciso reaprender a viver em harmonia com os seus irmãos e com toda a natureza, a exemplo dos índios, que não colhem mais dos que precisam e nem destroem a Grande Mãe.

– Hoje a Terra agoniza envenenada pela ganância humana, enquanto o homem se alimenta com o veneno que ele próprio semeia. *A Grande Mãe é regada pela água contaminada e pelas fezes do próprio homem, apesar de ser a mesma água que ele bebe. O ar impregnado pela fumaça do progresso entorpece os pulmões da civilização das grande cidades, asfixiando o homem, provocando inúmeras doenças. Com a escolha dessa vida, o homem perde no dia a dia sua própria razão de viver.*

O primeiro ato de destruição ambiental no Brasil aconteceu em 1500, na época do descobrimento, quando os portugueses aportaram na costa brasileira com as caravelas. Nessa ocasião, o capelão solicitou aos marinheiros que cortassem duas árvores para que fosse fincada a cruz que simboliza a igreja romana. Naquele momento iniciava-se a crucificação da natureza no Brasil.

Na breve conversa com o índio, enquanto assoprava o café



Itatuitim

que acabava de ser servido, o caminhante refletira que o planeta estava sofrendo a dor do parto de seu filho mais ilustre: o homem. Apesar dele ser o mais inteligente dos animais, era também o mais cruel.

Itatuitim, cujo nome em tupi-guarani significa pedra dura, relatara que o Caminho da Luz não era algo novo para ele. Sua gente havia passado seus mistérios através do livro sagrado da tradição oral, contado de geração em geração. Há séculos, índios vindos do noroeste fluminense caminhavam em peregrinação por onde hoje passa o Caminho da Luz. Vinham encontrar-se com outros índios provenientes de vários rincões do Brasil em busca da Terra dos Sem Males, onde se encontra o Pico da Bandeira, a Montanha Sagrada do Brasil. Na grandiosa montanha, pajés e xamãs reuniam-se para fazer seus rituais e adorar o filho de Deus. Para os índios, este mesmo Caminho era conhecido como o Caminho de Ianderu.

O jovem peregrino sabia que o acaso não existe, que para todas as coisas do céu e da terra existe um propósito. Assim, de alguma forma, pressentia que dava o primeiro passo no caminho do Caminho da Luz.

– De tempos em tempos, no início da primavera, pajés e xamãs de todo Brasil se reúnem na Montanha Sagrada para cultuar e ouvir o nosso Deus que lá reside. *Nas últimas vezes que lá estivemos reunidos fomos prejudicados pelo homem branco, que por curiosidade compareceu para interferir em nosso Sagrado Ritual*- lamentou o velho índio.

Itatuitim lembrava ao caminhante a última reunião na Montanha Sagrada. Ao pé do Pico do Cristal, o pajé Tupã-Kwaray se viu frustrado em sua tentativa de comunicar-se com o Deus da Montanha. De forma invasora, os chamados civilizados interferiram na cerimônia sagrada. Confundindo o ritual com algum tipo exótico de teatro ou encenação, as redes de televisão presentes solicitaram que muitas preces e evocações fossem repetidas pelo pajé, alegando que a primeira tomada não havia ficado boa. E

em tom de indignação, foi enfático:

– Não se pode brincar com o Sagrado. Deus se cala quando o homem sai de seu eixo e perde o vínculo com o Divino.

O velho índio acredita que os caminhantes do Caminho da Luz buscam as mesmas coisas que os seus antepassados: ouvir Deus falar com eles, e Deus fala ao homem na quietude de seu coração e de sua alma.

– O Deus da Montanha, Rudá, é quem controla toda o manto de vida que cobre a Grande Mãe. *Ele mora lá na Montanha Sagrada. Todo aquele que percorrer o Caminho da Luz e permitir que o Caminho fale ao seu coração, poderá escutar a voz que vem de seu interior e que está ligada a Rudá, o Deus do Amor* – explicou Itatuitim.

Por um instante, o caminhante se questionou: quantos mistérios se escondem nessas terras, quantas histórias, quantas lendas e quantos segredos? O questionamento tinha uma razão de ser, pois, a cada palavra, descobria que nunca estivera tão perto de uma realidade tão distante aos olhos dos incrédulos.

O sol se levantava com as palavras do velho índio trazendo para a ceia matinal cores e vida. Derramava luz e esperança. Como o grande astro, os raios vivos da vida aqueciam o corpo do caminhante, ávido por inscrever-se, pegar o livro-guia, a credencial e pôr os pés na estrada. A história de Itatuitim abrira-lhe os horizontes da mente mostrando que não existe longitude e nem latitude que restrinja a visão daquele que está aberto para o novo, para a vida. Depois de agradecer ao velho índio toda bondade e carinho em relatar-lhe aquelas histórias e de pegar a credencial com a Rogéria e o Zelito no Hotel Serpa, o peregrino se dirigiu para a base da cachoeira de Tombos em busca do início do Caminho.

Enquanto caminhava, refletia sobre cada palavra que escutara. Concluíra que se quisesse realmente entender o caminho deveria estar com os ouvidos, os olhos e todos os sentidos abertos para poder escutar como escutou Itatuitim o que o caminho tinha a lhe dizer.



Percebera que o caminho é muito mais do que o simples caminhar. Entendera o que o criador do Caminho queria dizer quando afirmava:

– O verdadeiro caminho tem apenas trinta centímetros, liga a mente ao coração e o coração à mente. *E que todo aquele que compreende este caminho é capaz de romper todo e qualquer caminho da vida, uma vez que todos se tornam mais curtos e amenos.*

Depois de passar pela Igreja Matriz, construída na metade do século XIX, o caminhante ficou a imaginar quantas pessoas já foram casadas, batizadas e por ali passaram para rezar. Questionou o que representava a verdadeira religião. Seria ela apenas um ritual onde semanalmente o homem busca a redenção de seus pecados? Seria um conglomerado de rituais? Estaria Deus somente ali? Concluíra que Deus deve ser praticado na vida diária, em cada ato, em cada pensamento, em cada ação. Ele se manifesta na comunhão do homem com o todo. E que Deus está em tudo e em todos, e que é esta comunhão que produz o tom sagrado que liga o corpo ao espírito e ambos ao Criador.

Quando chegou ao alto da cachoeira ficou extasiado com a beleza e a magnitude da obra divina. Os prismas e arco-íris que se formavam da fusão da água com a luz solar davam um brilho todo especial ao momento. Parado ali no alto, contemplando toda aquela beleza, sentiu a necessidade de fazer uma prece em agradecimento pelo que estava vivenciando. Entendera que no poço da existência, a gratidão significa a multiplicação dos bens necessários para a sua subsistência, e que a provisão infinita é conseqüência de sua gratidão e reverência ao sagrado.

Lá de cima, o caminhante avistou a usina hidrelétrica que ainda hoje funciona e fornece energia para o Estado do Rio de Janeiro. Com um sorriso nos lábios questionou a si mesmo: V*iria da energia da cachoeira o nome do Caminho? Seria aquela a Luz inserida em seu nome?*

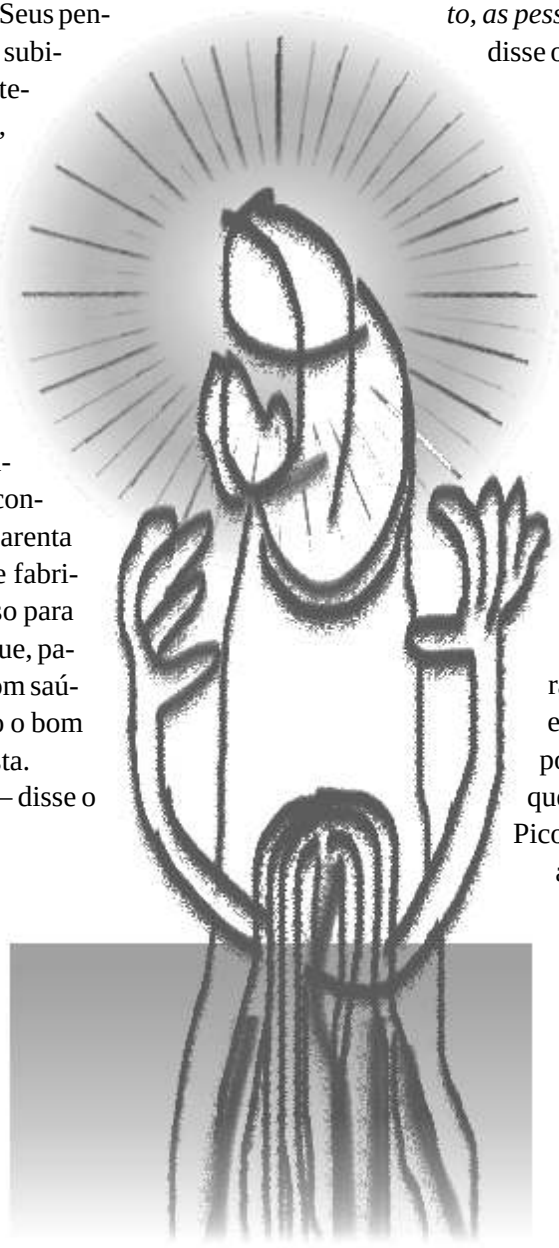
Depois de descer a estreita trilha, cercada de verde, adornada pelo correr das águas e emoldurada pelas montanhas distantes, chegou à base da cachoeira. A visão o deixou maravilhado. Daquele ponto, as quedas d'água mostravam a magnitude do criador. Seus pensamentos desciam com as águas e na mesma velocidade subiam aos céus. Por um instante, sentiu-se de tal forma integrado ao cosmos que viu-se transformando-se em terra, água e ar. Ao chegar na mureta que servia de mirante para a cachoeira, deparou-se com um senhor de cerca de oitenta anos. Apesar da idade, aparentava um vigor todo especial, o que é comum em Tombos, onde muitas são as pessoas que já passaram dos oitenta ou noventa anos, a maioria lúcidas e movimentando-se perfeitamente.

Lembrou-se de seu João Batista Esteves, outro senhor que o caminhante conhecera no trajeto para a cachoeira. Seu João, com mais de noventa anos de idade, continuava dançando forró como se fosse um homem de quarenta anos. Além de dançar, Seu João ainda era um excelente fabricante de doces de laranja em barra e conserva. Fazia isso para presentear os parentes e amigos. Sempre argumentava que, para se chegar à idade avançada, em plena forma física e com saúde, é necessário adoçar cada minuto de vida, guardando o bom e o belo, não cultuar a raiva e o rancor. Ser sempre otimista.

– Pelo visto você veio fazer o Caminho da Luz – disse o senhor para o caminhante.

– Vim sim. O senhor conhece o Caminho? – perguntou o caminhante.

– Depende de que caminho. Ao longo de minha vida, conheci vários caminhos e onde é o da Luz, eu já passei muitas vezes no tempo de minha juventude em busca de aventuras e na contemplação de suas belezas naturais. Tá vendo aquela árvore próximo à queda d'água? Pois é, ali minha sobrinha, quando era criança, afirmou que viu uma santa se levantar da água. A colega que a acompanhava confirmou que era verdade. E olha que não foi apenas uma vez que ela disse ter visto a santa, mas muitas. No entanto, as pessoas sempre diziam que aquilo era imaginação de criança - disse o senhor.



– E o senhor, o que acha?

– Bom... eu aprendi ao longo de meus oitenta e cinco anos de caminhada que tudo é possível nesta vida de meu Deus. Se acharmos que o mundo é só o que vemos, o que conhecemos, então qual é a razão da vida? Por mais que saibamos e conheçamos a vida, sempre teremos mais para aprender e esse é o mistério da existência. Se queremos conhecer o novo, devemos deixar o velho de lado para viver a plenitude do agora... o agora é real... é vida. Eu venho sempre aqui e contemplo essa paisagem. Se não vejo a santa, sinto Deus diante de toda essa beleza. Quando estou aqui estou em paz e em perfeita comunhão com o Criador. Isso renova a minha vida.

Não era apenas a vida do velho senhor que se renovava mas a do próprio caminhante. De alguma forma, ele entendia por que o Caminho lhe chamara. Nas poucas horas em que estivera em Tombos, havia vivenciado inúmeras experiências. Pé na estrada, de volta à trilha, dava adeus ao ponto mais baixo do caminho. Iniciava assim a caminhada que lhe conduziria ao topo da montanha sagrada do Brasil, o Pico da Bandeira, o terceiro em altura do país e o primeiro mais alto acessível.

O dia já estava de pé quando ele atravessava a cidade de Tombos. Entre seus casarios, a gente simples da terra saudava-o como se ele fosse o próprio nascer do dia. Antes de pegar a estrada de chão rumo à Catuné, vivenciava um antigo hábito ainda vivo na cultura interiorana: a saudação espontânea. *Ô!... Diia!... Beem!*

Poucos quilômetros à frente, já avistava a centenária



Seu Sebastião

fazenda em estilo colonial. Com suas dezenas de portas e janelas, erguidos num madeirame lavrado no fio do machado pelos escravos, a Fazenda Oliveira datava de 1845. A imensa construção colonial trazia lembranças dos tempos áureos do café, introduzido em toda região por ordem de D. Pedro II com o intuito de promover a ocupação de um território cujo isolamento favorecia atividades de contrabando.

Ali, até a década de 40, ainda existiam a senzala e os troncos onde os senhores açoitavam os negros escravos. As histórias da fazenda se perdem no tempo, mas há ainda quem lembre do cacho de banana de ouro, um presente do senhor Vidigal para sua senhora.

Entre as muitas histórias do lugar estão a dos cemitérios dos índios e escravos, hoje perdidos no alto da mata vizinha à fazenda. Tem até quem fale de uma carroça de ouro enterrada em algum lugar na propriedade. Verdade ou mentira, não se sabe. Mas uma coisa não se pode negar: pela grandeza do casarão, ali residiu um dos barões do café!

Um pouco mais adiante, o peregrino deixava a estrada principal para entrar na trilha que leva à Mata do Banco. Logo no início do novo caminho, passou por um trecho calçado pelos escravos. O verde e o gado enfeitavam o trajeto. Na Mata do Banco, os micos e macacos, como o Barbado, saltavam de árvores centenárias, resquícios da antiga mata atlântica, num balé que encantava o caminhante.

Recostou-se numa árvore centenária. Enquanto contemplava a natureza e fazia um breve lanche, relembrava um fato ocorrido na saída de Tombos, quando fora levado por Maurício Vaz, morador da cidade, para conhecer um benzedeiro famoso.

Seu Sebastião estava sentado na cama. Rosto fino, corpo esguio e ágil, logo se levantou para o cumprimento. Na parede, uma foto mostrava o mesmo senhor de setenta e dois anos, umas três décadas mais novo. Notou pouca diferença entre as duas imagens. Seu Sebastião é benzedeiro na região desde jovem, sempre pronto a atender qualquer um que adentre a sua porta. Água e ervas fazem parte de seu ritual, acompanhado da reza que lhe leva ao transe. Acostumado com a lida do campo, passou a vida na região circulando pelas fazen-



Dona Francisca

das, ora colhendo café, ora ordenhando gado. Na cabeça do peregrino, ecoava a história que tinha ouvido de Seu Sebastião sobre a Gruta da Pedra Santa.

– Aquela gruta é santa mesmo. *As coisas começaram ali quando um caçador vinha pela mata e subiu naquela baixada da gruta. Olhando para um pedaço de tronco, ele viu a imagem de uma santa. O homem se assustou e desceu correndo capoeira abaixo até Catuné. Avisou aos outros e um pessoal foi e levou a santa para a Igrejinha, que não é essa que tem lá. No dia seguinte, a imagem desapareceu e foi ficar lá na gruta de novo. Foi um povo de volta na gruta e trouxe a imagem de volta para a igreja. No dia seguinte, a mesma coisa. A santa havia voltado para a gruta. Isso aconteceu três vezes e, na quarta, a santa sumiu. Mais tarde, um moço que tinha uma roça lá em cima, fez um muro na gruta e guardou o milho lá dentro. No outro dia, a milharada estava toda para fora. Ele pôs para dentro de novo.*

E a quebrada de milho apareceu mais longe da gruta. Essas histórias correram e o povo viu que a gruta era santa.

Despertou de suas divagações com um coquinho na cabeça, lançado por algum macaco travesso, uma forma interessante de ser lembrado que era hora de retornar ao caminho.

Logo na saída da mata, deparou-se com a singela casa de dona Francisca, uma negra esguia, de mais de oitenta anos de idade. Pés descalços, sorriso fácil e as mãos estendidas para receber o caminhante com quem se predispunha a dividir o pouco que tem: um copo d'água e logo depois um cafezinho à beira de um fogão à lenha, acompanhado de histórias sobre a lida no campo: a cobra que matou com o olho da enxada, as mãos que deslizavam nos galhos para a colheita do café e o saci que correra entre a mata dando pirueta e gargalhando, enquanto ela corria assustada.

O caminhante saiu dali impressionado. Numa casa simples, à beira do caminho, lições de solidariedade: o amor maternal e o dividir o pão como se fosse a última ceia. Tinha aprendido que Deus multiplica a boa semente lançada ao chão e que, para ser feliz, o homem precisa de bem pouco: a terra para plantar, as mãos para colher, o teto para abrigar-se e o coração cheio de amor para dar.



Dona Neuza

De repente, o tempo pareceu ter ficado suspenso no espaço. Seu coração e mente se acalmaram. Seus pés deslizavam como se flutuasse no ar ao subir a centenária rota de romeiros que condu-

zia à Gruta Santa.

A água que escorria da pedra batizava o caminhante, purificando e despertando-o para a grandeza da gruta. O silêncio era total quando mergulhou em sua prece de gratidão pela conquista do primeiro dia de caminhada. Foi despertado quando Dona Neuza pôs a mão sobre seu ombro, dando-lhe as boas vindas. Apontando para o fundo da gruta, contou-lhe sobre fenômenos misteriosos do lugar.

– De uma forma muito misteriosa a gruta está aumentando, e ninguém vê as pedras desmoronando ou caindo. *Na época dos meus pais, a gruta tinha só uns 150 metros quadrados de área. Hoje, tem 1200 metros quadrados com 35 metros de altura. O altar onde fica a santa tem quase cem anos. Nunca caiu uma pedra nele. Antigamente, ficava na frente, com a parte de trás coladinha na pedra. Olha quanto espaço tem agora. Onde ficam os bancos no chão tinha uma escada de pedras que a gente subia para ver a missa. Não tem nada ali agora. E ninguém vê uma pedra caindo, parece que vira pó. Por certo isso é obra de Deus!*

Rumo à Catuné, o peregrino pode avistar o caminho por onde passara. Ao longe, Dona Neuza mostrava onde ele deveria chegar dali a seis dias. O caminhante perguntou sobre a origem do nome do lugar, que lhe soava como um nome indígena. Dona Neuza confirmou ter vindo dos índios o nome da localidade, que já teve outros nomes no passado: Mata do Crioulos e Lajinha. Explicou que Catuné significa pessoa que fala bonito, uma referência a um padre chamado Antônio Gonçalves Nunes, que fazia catequese na região.


Dona Dulce

Já na casa daquela senhora de jeito comunicativo e meigo, depois do banho e da ceia, continuaram a prosa sobre as histórias da gruta.

– Certa vez, Dona Dulce e Sebastião Fulmian acompanhavam um grupo de caminhantes. ***Após as orações, alguns deles estavam com as mãos impregnadas de óleo de rosas.*** *Por certo, Nossa Senhora esteve ali. Numa outra ocasião, dois amigos que visitavam a gruta, ouviram um barulho de picaretas que parecia vir de dentro da pedra... tum, tum, tum. Parecia que tinha gente trabalhando no lugar. Percorreram toda a gruta por dentro e por fora, e não viram ninguém. Mas o barulho continuava.*

Ao se recolher em orações, antes de dormir, o caminhante fez um passeio pelo seu dia, repleto de histórias e energia, que lhe faziam refletir sobre a importância da solidariedade e do amor. Paralelo ao mundo de grandes turbulências, existe um lugar onde as mãos estão sempre estendidas, prontas para acolher e servir. E onde o amor é uma graça que se espalha pela atmosfera, não deixando dúvida de que todo dia é dia de se renascer.


Angela

No dia seguinte, café tomado, cajado na mão, espírito pronto, o peregrino retomou a estrada rumo à cidade de Pedra Dourada. A expectativa era grande. Poucos quilômetros à frente, chegava à comunidade da Igrejinha, abençoada por Nossa Senhora, que saúda os viajantes à margem da estrada. Defronte à imagem da santa, as corredeiras propiciam

um banho refrescante. Porém, diante do frio da manhã, se resumiu a molhar as mãos, observado por alguém na outra margem do lago.

Na travessia da ponte para a margem oposta, a costumeira saudação: *Diia, senhor!!* - seguida de dois dedos de prosa:

– Rapaz, cê tá indo para a terra dos Lazaroni. *Meu bisavô chegou lá no começo do século passado, Domingos Lazaroni. Comprou uma terrinha e montou um armazém. As pessoas vinham, faziam compras, ficavam endividadas e pagavam com um pedacinho de terra. Junta um lote aqui outro ali, não deu muito tempo, tudo aquilo já era dele. E aí foi assim: primo foi casando com prima, hoje são poucos os que não são Lazaroni. Lá é uma terra acolhedora. É comum cê vê nossas parentes fazendo tricô e bordado sentadas nas calçadas. E é também uma terra santa, cuja água já curou muito gente.*

Fim de papo, pé no caminho. Os próximos sete quilômetros testariam o preparo físico do peregrino numa subida íngreme passando por um lugar conhecido como Lombo do Burro. O céu estava límpido e a Montanha Sagrada estava ali à frente, assim com as montanhas de Minas, do Rio e do Espírito Santo. O esforço seria compensado logo depois pela paisagem bucólica do Vale do Silêncio. Em certo ponto, um sentimento de vácuo. Apesar do vento e do caminhar do gado ao lado trilha, os sons



somem como que por encanto. O silêncio é absoluto!

Um pouco mais adiante, o caminhante avistava o vilarejo de Água Santa, agrupamento de casas perdidas no meio de um vale cercado de cafezais com uma praça, padaria e uma igrejinha azul no estilo das mais antigas capelas medievais da Europa.

Na padaria do Ângelo, jogou a mochila num canto e pediu uma garrafa d'água. Numa breve conversa com o dono do estabelecimento, ficou sabendo que a população do vilarejo era estimada em quinhentos habitantes. Ficou na dúvida se tinha forças para conhecer a fonte milagrosa que deu nome ao distrito. Afinal, eram mais dois quilômetros de caminhada para ir e dois para voltar. Comentou sua dúvida com Ângelo. Ele de imediato trouxe a solução:

– Olha, meu primo vai subir lá de carro para pegar minha tia. Espera um pouquinho que ele te dá uma carona.

No vilarejo, a rotina é uma constante: a colheita do café, a retirada do leite, o fabrico da cachaça, o milho moído no moinho d'água produzindo o fubá da boa polenta. Em menos de dez minutos, apareceu um rapaz forte num fusca verde. Soube do interesse do peregrino, convidando-o a entrar no carro. O favor seria retribuído com a descida do carro umas três vezes para abrir e fechar porteiras

ras no caminho que levava à grota da água santa. Sua tia estava lá, sentada defronte o oratório construído no lugar. Cumprimentou a outra Lazaroni encontrada no caminho.

Ângela, toda sexta-feira, vai ao santuário fazer suas orações e agradecer pelas várias graças recebidas. O caminhante perguntou se a água saindo da biquinha era a fonte milagrosa. Diante da afirmação positiva, molhou a mão e bebeu um pouco da famosa água, que estava gelada. Orgulhosa com a fonte milagrosa, Ângela foi logo narrando a história que havia sido contada por sua avó:

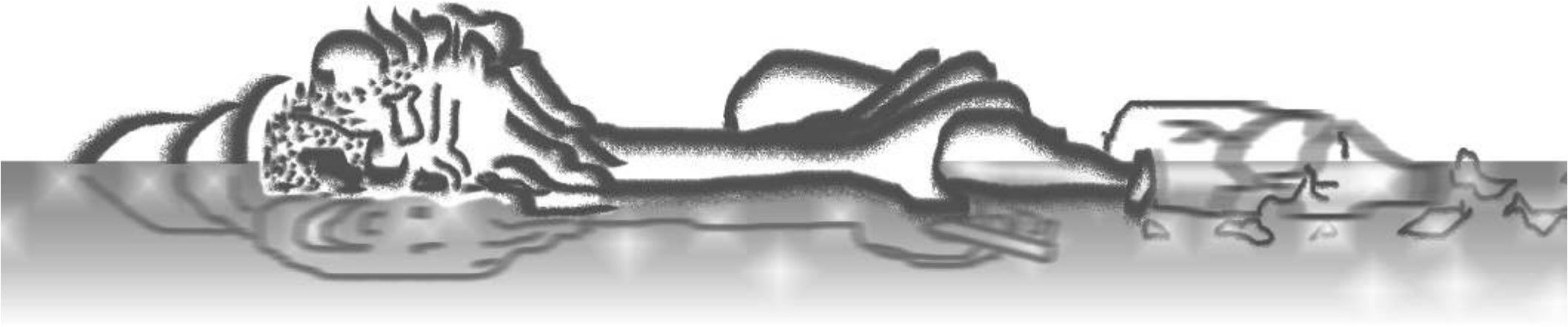
– Duas moças que vinham de Pedra Dourada passavam por ali a cavalo. *Ficaram com sede e foram beber água na bica da grota que estava perto. Chegando aqui, uma delas viu uma coisa brilhando... parecia uma pedra preciosa. Ela tirou uma faca e tentou arrancar o objeto. Quando forçou com a faca, aquilo que estava brilhando sumiu e nunca mais apareceu. Ali começava o milagre. No lugar do misterioso objeto, começou a jorrar essa água. Pode dar estiagem, chover, que a água é sempre a mesma, limpa e cristalina. E as pessoas vêm pegar água aqui para cura de vários males. Vem gente de todo lugar da região e de outros estados. E olha que são incontáveis as curas já conseguidas. Eu mesma, outro dia, estava com conjutivite. Mandei pegar água para mim, passei na vista e no dia seguinte estava boa.*

Notando no canto do santuário umas garrafas quebradas, o caminhante não conteve sua curiosidade e perguntou a respeito, ficando surpreso com a resposta:

– Sempre tem garrafa quebrada aqui. *Quando era pequena, perguntei isso para minha avó e ela me contou essa história: tinha uma moça chamada Carminha, que morava para lá do Alto da Jacutinga, numa roça quase em Pedra Dourada. Ela casou muito nova com um homem velho rabugento, que gostava de beber cachaça. Quando bebia, parecia que um diabo entrava nele. Costumava pegar uma faca, daquelas de navalha, e correr atrás da moça dizendo que ia picá-la para dar de comida aos cachorros. Mas ela corria e se escondia num galpão de guardar lenha. Tinha pedido até para um vizinho botar fecho por dentro. A porta era toda lenhada com as navalhadas que o sujeito dava.*

A Carminha era muito devota de Nossa Senhora e toda sexta-feira vinha rezar aqui na bica d'água. Quando terminava, enchia uma moringa e ia embora. Num dia, ela chegou para o marido e disse: Eu tive um sonho e a Virgem apareceu para mim. Ela disse que sua cachaça vai me matar. O sujeito, que não acreditava em nada, ficou uma fera. Bateu nela, disse que ela era desmiolada e quebrou a moringa que a moça usava para pegar e armazenar a água santa. Não deu uma semana, Carminha caiu de cama. Tinha febre e ninguém sabia o que era. Depois de três dias, veio até médico ver a pobre menina. Examina daqui, examina dali e a triste notícia: ela não dura mais dois dias.

A notícia caiu como uma bomba na cabeça do velho. Parece que a coisa ruim saiu dele e o homem se arrependeu do que tinha fei-



to. Começou a chorar ao lado da mulher moribunda. Ao ver o velho soluçando ao lado da cama, ela disse: Eu tenho fé na santa, ela vai me curar. Pega um litro de água para mim lá na fonte milagrosa. O homem arriou o cavalo... mas como ia trazer a água, se a moringa ele mesmo quebrou? Outra moringa não tinha. Lembrou do estoque de garrafas de cachaça vazias que ele juntava no quintal. Passou uma água nelas, pegou o cavalo e foi para a fonte. Sua mulher estava ardendo em febre. Chegou na fonte, encheu as garrafas e voltou correndo.



Dona Glorinha

Quase chegando em casa, ouviu uma explosão. As três garrafas de água que trazia no embornal pendurado no arreio explodiram de uma vez só. O velho ficou desesperado. Entrou em casa sem a água e ainda teve tempo de chegar para olhar para a esposa agonizante e ver seu último suspiro. Depois disso, ele vendeu suas terras e nunca mais foi visto por aqui. Sempre vem gente desavisada pegar água benta com garrafa impura, suja de cachaça. A água benta bate ali dentro e arrebenta o vidro. Ás vezes, até explode. É por isso que sempre tem caco de vidro por aí.

Com o olhar perdido nas montanhas, o caminhante refletiu sobre o que lhe fora contado. Concluiu: como em copo sujo não se bebe água limpa, em mente impura o sagrado não entra. Antes de deixar Água Santa, encontrou-se com Dona Glorinha. A simpática senhora de quase oitenta anos lhe falou sobre algumas tradições cultuadas naquele singular lugar:

– Aqui, na sexta-feira santa, costumamos seguir em romaria até a fonte da água santa, onde rezamos no santuário e bebemos daquela água. *É comum nessa época muita gente voltar à fonte para agradecer um milagre de uma cura recebida.*

Na época de São João, nós fazemos uma fogueira no meio da rua. Levantamos uma bandeira para o santo e cantamos salmos em sua reverência. A fogueira queima até o amanhecer. Quem tiver fé pode passar à meia-noite em cima das brasas com os pés descalços e não se queimar. As cinzas, o vento leva e esparrama pelo povoado, purificando todos os lares e abençoando as culturas do lugar.

Em direção à Jacutinga, o peregrino parou para comer uns morangos silvestres que florescem às margens da estrada. Do alto, via Água Santa ficando para trás, enquanto carregava na mochila mais algumas histórias do Caminho. Estava no Alto da Jacutinga, onde a família Milião forma o seu clã. São todos trabalhadores rurais, que tiram da terra o sustento da família, com as mãos estendidas para acolher os caminhantes. Pelo visto, os Milião transformam os grãos de café que colhem em sementes de amor para distribuir para os seus semelhantes.

Logo na descida da serra, o peregrino avistou a imponente torre da Igreja de São José, remodelada em estilo gótico pelo

padre José Paulo da Cunha em parceria com a comunidade de Pedra Dourada. Dali também via o assentamento rural no entorno da cidade, onde cada família tem seu pedaço de terra para dele tirar seu sustento. Via naquele momento um estilo de vida sonhado por muitos dos que hoje habitam os grandes centros urbanos. À medida em que descia, visualizando as nascentes de água nas encostas montanhosas, refletia sobre o que via: a terra dividida de forma igualitária, dando a qualquer cidadão da cidade direito ao trabalho e ao sustento digno. Ficou sabendo que em Pedra Dourada não existe desemprego nem mendicância.

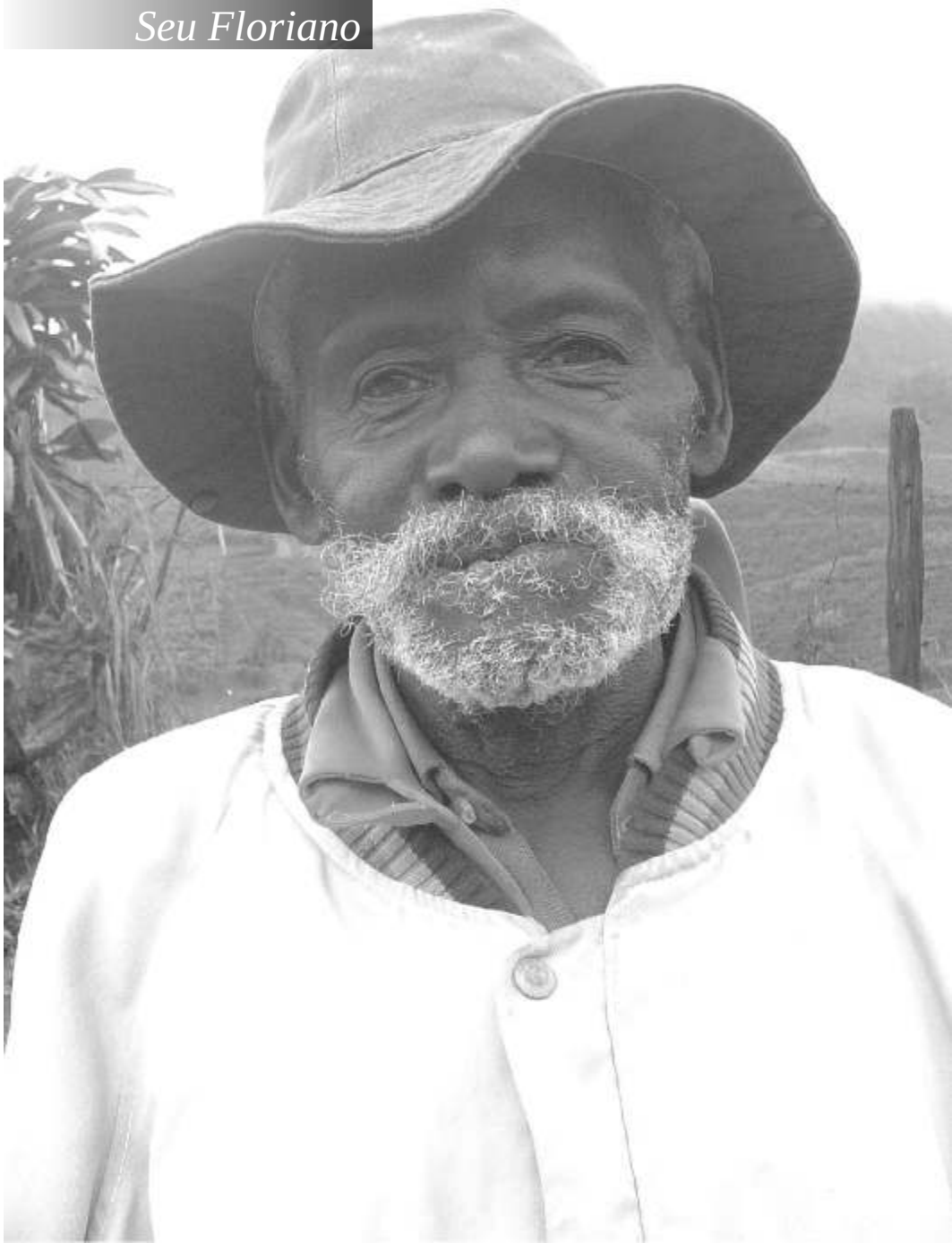
Logo após a entrada da cachoeira de Pedra Dourada em direção à cidade, encontrou pelo caminho um senhor de idade avançada que também rumava para a cidade, seu Floriano. Fizeram o famoso cumprimento: *Taarde!* E o senhor falou:

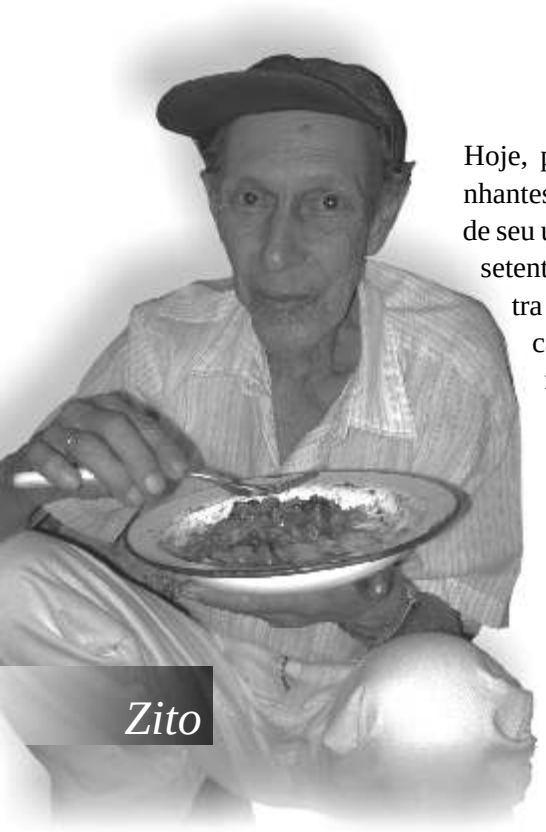
– Tá vendo aquela árvore toda retorcida cujos galhos atravessam a estrada? *Em décadas passadas, naquele lugar, houve uma morte. E durante muito tempo, quando ainda não tinha luz por essas bandas, um bocado de gente via o espírito do morto sair de dentro da árvore. Poucos tinham coragem de passar por ali tarde da noite. Uma vez, um homem tido como valentão desafiou seus amigos que ia lá amarrar seu cavalo e mijar no tronco da árvore. Só que quando chegou lá o cavalo empinou, jogou-o no chão e saiu em galope. Até hoje não se sabe o que ele viu. Mas chegou com a roupa toda rasgada, pálido e mudo. E nunca mais ninguém teve coragem de desafiar a árvore mal-assombrada.*

Já na chegada à praça da cidade, do outro lado da calçada, uma mulher já idosa e muito sorridente gritou para ele: *– Que bom que Deus te trouxe meu caminhante, eu estava aqui te esperando na janela!* O peregrino ficou surpreso com a festiva recepção. E só depois veio compreender que, para Dona Ana, cada caminhante é como um filho que ela não teve. Talvez por isso, ela seja considerada um dos maiores ícones do Caminho.

Antes da criação do Caminho, a pensão da Dona Ana tinha lugar para abrigar umas doze pessoas. Porém, com o passar do tempo, a senhora transformou a pensão em Albergue do Caminho da Luz.

Seu Floriano





Zito

Hoje, pode receber até setenta caminhantes. Apesar da saúde fragilizada, de seu um metro e cinqüenta de altura e setenta e sete anos de idade, ela mostra um vigor surpreendente. Não cansa de dizer que cada caminhante que chega a faz esquecer a dor em suas perninhas. E diz: – *"Um sorriso pode levantar um morto, né?"* Mostra, com isso, o quão importante representa aquele que chega em seu lar.

A história de Dona Ana é algo marcante. Ainda criança, Ana Oliveira da Cruz sofria muito com o temperamento violento de sua mãe, que dava-lhe imensas surras, chegando inclusive a cortar suas costas com um facão. Mas nem isso fez com que Ana abandonasse a velha portuguesa. Sua mãe morreu no mesmo ano em que completaria cem anos, tendo sempre os cuidados de sua filha. Também passou maus pedaços com o marido, que durante muitos anos enveredara-se no alcoolismo. No entanto, pacientemente, Ana cuidava dele como se fosse um filho. E faz questão de dizer: – *Casamento é para sempre... e eu não queria ficar mal falada. Hoje, meu Zitinho e eu cuidamos um do outro.*

Ao receber o pagamento pela hospedagem e alimentação, Dona Ana disse ao caminhante: *Deus multiplica!*

Antes de seguir viagem, o peregrino da luz foi chamado à entrada do albergue para receber a benção de Dona Ana. Primeiro, a leitura do salmo 121, de proteção para a viagem:

Elevo os olhos para os montes:
De onde virá o socorro?
O meu socorro vem do Senhor,
Que fez o céu e a terra.
Ele não permitirá que teus pés vacilem;
Não dormitará aquele que te guarda.
É certo que não dormita nem dorme
Ó guarda de Israel.
O Senhor é quem te guarda;
O Senhor é a tua sombra à tua direita.
De dia não te molestará o sol,
Nem de noite, a lua.
O Senhor te guardará de todo o mal;
Guardará a tua alma.



Dona Ana

O Senhor guardará a tua saída e a tua entrada,
Desde agora e para sempre.

Em seguida, a cantoria de um hino, daqueles bem típicos de romaria popular:

– O Anjo do Senhor está passeando, está passeando, aqui nesse lugar... Dá lugar irmão, dá lugar irmão, para o Anjo do senhor vim visitar.

Tocado por aquele cerimonial impregnado de misticismo popular, o caminhante, colocando as mãos carinhosamente no ombro da senhora, perguntou como surgiu essa benção.

– Olha, eu nem conhecia direito esse Salmo da viagem. *Até que um dia eu fui visitar minha irmã que mora no Rio, num lugar chamado Senador Camará. Ela morava numa favela. Eu saí da rodoviária e fui direto para lá. Quando cheguei, estava um tiroteio danado... tiro para todo lado. A casa estava toda fechada. Eu gritava, batia na porta, ninguém abria... e o tiroteio lá fora. Foi um alívio, quando abriram a porta. Nos dias em que eu fiquei lá, a coisa continuou a mesma, um tiroteio que só vendo. No último dia, já tinha passagem comprada, ia viajar no fim da tarde. Aí, recomeçou o tiroteio. Tiro para cá, tiro para lá, não parava. Meu cunhado disse: você não pode sair. Deixa a passagem e volta para Minas amanhã. Eu fui para um quarto, peguei a bíblia e procurei esse salmo de proteção para a viagem. Rezei uma vez, duas, três... e o tiroteio lá fora começou a parar, foi parando, parando, parando... Quando terminei a reza, já não tinha tiro mais. Deu tempo de sair e pegar o ônibus. E hoje, eu é que não deixo meus caminhantes sair sem essa proteção.*

Dona Ana tem os olhos brilhantes como os de uma criança. Vê-la contar o ocorrido no Rio de Janeiro, expressar sua fé e dizer o porquê de ler o Salmo para seus caminhantes, não deixa dúvidas de que *tudo é possível para aquele que crê* e de que com as bênçãos de Dona Ana todo caminho se torna mais brando. Na partida, ficou na boca o gosto da comida caseira, o carinho de mãe da pequena grande senhora, mas também a certeza de que até o Pico da Bandeira muito chão ainda tinha que ser percorrido.

Antes de deixar a cidade, o caminhante foi conhecer Dona Sebastiana. Ao entrar em sua casa simples, viu a velha senhora sentada no sofá, bem agasalhada, com uma colcha sobre as pernas. Num banco perto da porta que dava para a cozinha, estava um de seus oito filhos, também em idade já avançada. Da sua janela dava para ver a Pedra Dourada, meio escondida por algumas nuvens do dia meio chuvoso. Ao vê-lo fitar a montanha, percebeu sua curiosidade sobre a história da imensa pedra que nos primeiros raios de sol reflete a grandeza da luminosidade do astro rei espalhando pela cidade um dourado cintilante.

-Você quer saber da mãe do ouro, né? *Ela é uma mulher encantada que mora num palácio dentro da Pedra. É uma bola de fogo bonita, alumiosa, que sai da Pedra Dourada para a Pedra do Pontal. E daí, para a Pedra do Sumuco. Ela sempre sai de madrugada. Certa vez, eu estava lavando roupa na roça, cantando, perto do riacho, quando ela apareceu. Veio perto da bica, rodopiou dentro da bacia d'água, deu uma volta, duas, saiu da bica e caiu para dentro da terra. Ficou ali batendo assim debaixo do chão: tum-tum-tum. Minha mãe já viu ela de perto. Tem uma cara de boneca, luminosa. Se ela passar perto, você faz com a faca um corte no dedo. Quando o sangue pinga, quebra parte do encanto dela, porque o sangue é batizado e a Mãe do Ouro é pagã.*


Dona Sebastiana

Interrompeu sua fala e com

seu jeito calmo perguntou: *Vamos tomar um café?* Levantou e o caminhante pode ver seu vestidinho florido de chita, dando uma aparência harmoniosa àquela senhora de 88 anos. Ao deixar a xícara de café quente nas mãos do peregrino, continuou sua narrativa.:

– Tinha uma vizinha minha, a Dona Tiririca, que também já viu a Mãe do Ouro. Ela era bem moça e estava brincando com seus primos no fundo de um sítio, onde começava uma montanha. Era noite. Ela se afastou e viu aquela bola alumiosa entrando num canto da pedra. Foi lá ver o que era. Encontrou ali perto uma pedra brilhosa, bonita, coisa que nunca tinha visto. Catou a pedra e foi procurar os meninos. Não achou. Foi para a casa para mostrar para a família a tal pedra preciosa. Reuniu todo mundo na sala, mas quando foi catar a pedra no bolso do vestido... não tinha nada ali. Os primos disseram que ela estava caduca... mas ela achou a pedra mesmo. Mas ouro e pedra preciosa também é pagão, é encantado. Se você acha na montanha, você cospe 3 vezes nela e diz: eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. E aí, você desencanta a pedra, ela não some.



Seu Luiz Zan

Apesar do encanto da história, o caminhante pôs-se de pé para continuar a jornada. Dona Sebastiana sorriu e disse: *Café no papinho, pé no caminho.*

A Pedra Dourada acompanhava o peregrino nos primeiros quilômetros da caminhada em direção a Faria Lemos. Enquanto fitava a montanha, meditava sobre a história contada pela velha senhora. São tantos os mistérios não respondidos pela ciência, mas preservados de forma viva no imaginário popular. *Onde está a verdade... ou o dono dela?* – questionava ele. Dona Sebastiana mostrava uma lucidez que não lhe deixava dúvidas sobre a veracidade do que acabara de ouvir. A mesma história é conhecida por muitos. Não é apenas em Dourada que o fenômeno acontece. A Mãe do Ouro aparece nos mais diversos rincões do país. Estariam todos vendo miragens ou a ciência ainda é muito pequena para esclarecer os mistérios de Deus?

No córrego dos Favas, o caminhante surpreendeu-se com uma cena inusitada: era Seu Luiz Zan falando com o gado no campo, cantando cantigas do cancioneiro popular.

– Êh, Diana!!!... Vai Princesa!!!... Malhaada!!!... Cáa,Ventaniia!!!

E a boiada seguindo seus passos, como se encantada estivesse.



José Fava

Uns poucos metros mais à frente, parou na casa de José Fava para reabastecer o cantil de água. Ficou sabendo que o tocador do gado é seu tio e que ali em volta todos são da mesma família. Para sua surpresa, foi convidado a entrar e cear. Toda orgulhosa, a família falou que o mês de julho, época da caminhada coletiva, é um mês de festa. É o período em que centenas de caminhantes ali param para comer frutas, mandioca cozida e tomar caldo de feijão. José Fava comentou:

–Aqui, nós vivemos para o trabalho. Acordamos cedo, ordenhamos o gado, vamos para a roça tocar a lavoura. Da cama para o trabalho, do trabalho para a cama. Mas quando eles chegam é tudo uma festa. Ficamos honrados, porque eles acham que nossa casa basta, é o suficiente para recebê-los.

A acolhida da família emocionara o peregrino, tamanho calor humano e solidariedade. Percebera ali o verdadeiro sentido da família universal, onde o irmão reconhece o outro sem saber de que útero ele veio, na certeza de que o Pai é um só, e que através dele todos são irmãos.

Seus pensamentos voavam longe e serenos como o gavião-rei, que plainava sobre os pastos verdejantes. À medida em que a jornada prosseguia, sentia seus passos cada vez mais leves, como se pudessem conduzi-lo a flanar em companhia do grande pássaro, que do alto piava.

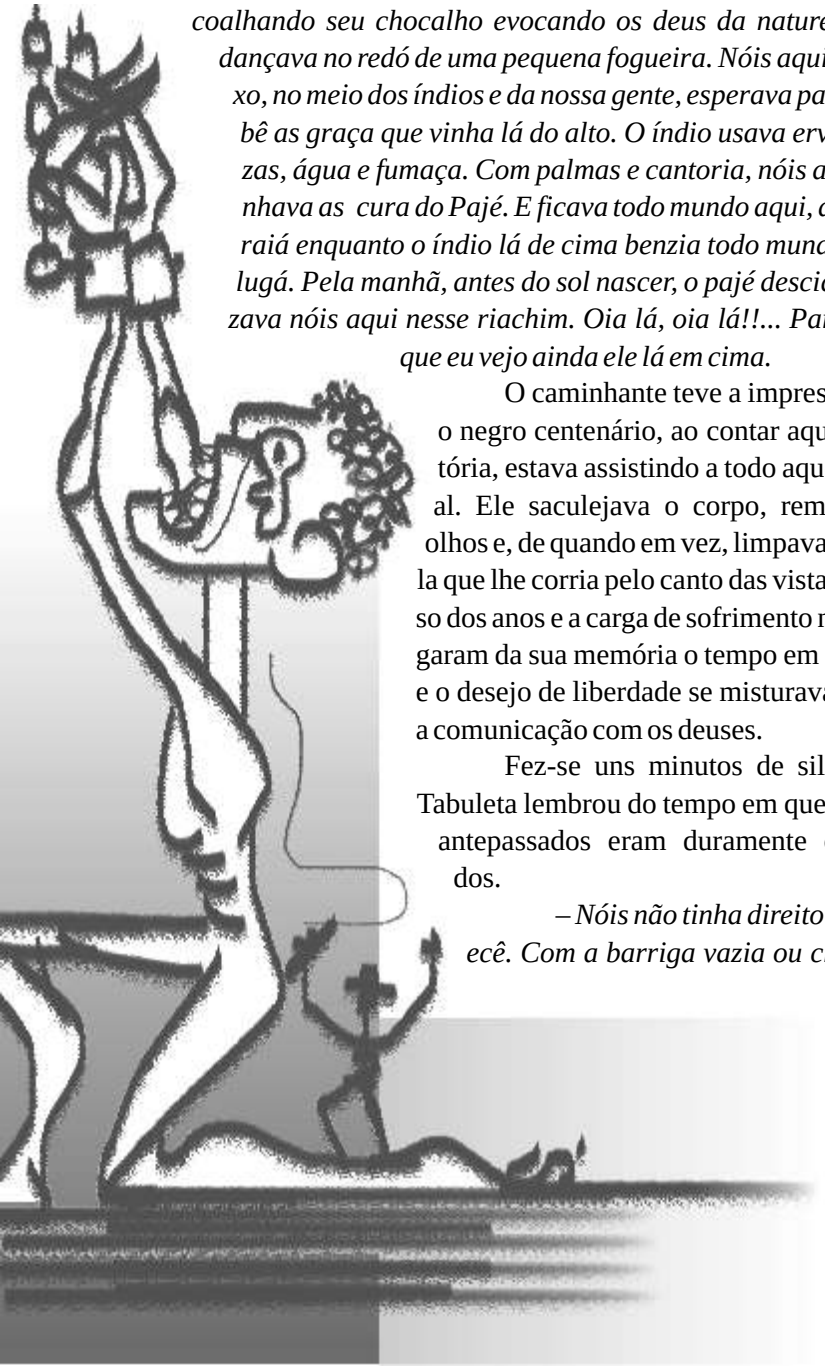
Um pouco mais adiante, percebeu à margem do caminho, uma figura marcante cujos traços mostravam o acúmulo de mais de uma centena de anos de peregrinação sobre a Terra. O encontro com Geraldo Tabuleta, com 117 anos de idade, aconteceu na base da Pedra do Lagarto, tendo ao fundo, a última vista da Pedra Dourada. Ali estavam dois pontos de grande concentração de forças telúricas. Separados pela distância, unidos pela energia. A pedra de formato misterioso multiplicava suas aparências. Via-se ali um cão, um símio, um sapo, um lagarto. Para sua surpresa, depois de fotografá-la e virar a máquina digital na vertical, a pedra transformara-se em um pé, como se a própria natureza deixasse sua pegada impressa no caminho.

Geraldo Tabuleta é filho de escravo. Viveu em um tempo em

que o homem negro era tratado como animal. Açoitado, acorrentado, molestado, vendido... Contudo, nada disso conseguiu apagar a expressão de dignidade estampada em seus olhos embaçados pelo tempo. A voz embargada contou ao caminhante histórias há muito guardadas no baú de sua existência. E à medida em que elas eram narradas, seu semblante mudava como se cada uma representasse a cor do próprio lagarto, que se mimetiza de acordo com o ambiente.

– Quando eu era pequeno, vinha aqui com meus pai e meus avó, nóis vinha visitá a Pedra do Lagarto. *Hoje, tô aqui para relembrá. Sempre quando vinha aqui nesse lugá sentia a liberdade e o*





bem. Muitas veiz, eu vi, no alto daquela pedra, um velho índio chacoalhando seu chocalho evocando os deus da natureza. Ele dançava no redó de uma pequena fogueira. Nóis aqui embaixo, no meio dos índios e da nossa gente, esperava para recebê as graça que vinha lá do alto. O índio usava ervas, cinzas, água e fumaça. Com palmas e cantoria, nóis acompanhava as cura do Pajé. E ficava todo mundo aqui, até o dia raiá enquanto o índio lá de cima benzia todo mundo nesse lugá. Pela manhã, antes do sol nascer, o pajé descia e batizava nóis aqui nesse riachim. Oia lá, oia lá!!... Parece até que eu vejo ainda ele lá em cima.

O caminhante teve a impressão que o negro centenário, ao contar aquela história, estava assistindo a todo aquele ritual. Ele saculejava o corpo, remexia os olhos e, de quando em vez, limpava a remela que lhe corria pelo canto das vistas. O peso dos anos e a carga de sofrimento não apagaram da sua memória o tempo em que a fé e o desejo de liberdade se misturavam para a comunicação com os deuses.

Fez-se uns minutos de silêncio e Tabuleta lembrou do tempo em que os seus antepassados eram duramente castigados.

– Nóis não tinha direito de adoecê. Com a barriga vazia ou cheia, tinha que trabaiá sem pará, sinão o chicote comia no lombo. Quando o capataz tava enfurecido, o castigo era inda maió. Ele amarrava um com a corda, prendia na cela do cavalo e saía arrastando pelo terreiro até rancá o couro da carcunda. Depois, inda jogava água cum cinza por cima... E nóis tinha que assistir a tudo, sem podê fazê nada.

A lembrança tirou lágrimas de seus olhos. Aquelas histórias comoveram o peregrino. Com os olhos marejados, ele seguiu estrada afora refletindo sobre a dor e a fé, um binômio que sempre caminhou junto ao longo da vida das raças minoritárias. Se a dor causava o sofrimento, a fé aliviava a dor.

Não demorou para chegar na Cachoeira Surpresa, que se mostrava com sua beleza descendo como véu de noiva as encostas do Cafarnaum, formando o rio São Mateus que desemboca em Faria Lemos. A cidade era o próximo destino do peregrino, terra onde seus moradores são quase todos conhecidos por apelidos. Difícil lá é encontrar as pessoas pelos seus nomes. Fica mais fácil se procurarem Toim Cebola, Jacaré, Dê, Qualhada, Toró, João Pelanca, Vavá... e por aí vai.

A pequena e pacata cidade, com uma praça, poucas ruas, uma antiga estação ferroviária há muito desativada, esconde uma história escrita com o sangue e o horror imposto por um dos mais cruéis coronéis. O caminhante se impressionou com a tranqüilidade do lugar. Em busca de um local para fazer a refeição vespertina, encontrou Seu Wilson, que passeava pela praça. Olhando para antiga estação, o peregrino comentou:

– Tranqüilo aqui, não. Trabalho da polícia deve ser catar gato em árvore, apartar briga de marido que bebe.

Seu Wilson mais que de pressa respondeu:

– Tranqüilo hoje. Mas muita gente aqui se lembra de uma época bem diferente, quando, se você dava um pio foro do tom, um coroné mandava te matar.

O senhor usava uma capa de chuva amarela para proteger-se do fino sereno. Convidou o caminhante para sentar num banco abrigado da chuva e num tom sério e professoral abriu as portas de sua me-

mória sobre o passado:

–O Coronel Novaes era um dos mais bravos coronéis da Zona da Mata Mineira. *Tinha um exército de matadores. Ele mandava nessa região toda por aqui. Fazia política com sangue. Quem ficasse no seu caminho servia de alvo para o chumbo quente de suas carabinas. E matou muita gente. Tinha uns quarenta jagunços espalhados por aí. Cada um mais bravo que o outro. Uma vez, por uma questão política qualquer, o governador de Minas mandou uma tropa de policiais para prender o coronel. Sua fazenda era uma fortaleza, cheia de escada, de alto a baixo. Nas partes mais elevadas, ele colocava luz com lampião para iluminar bem. Além da jagunçada, ele tinha uma filha de quinze anos. Era brava que nem corisco e atirava tão bem quanto o pai. Os guardas foram chegando perto e quando perceberam, caíram numa emboscada. Ficaram expostos na parte iluminada, tomaram tiro de tudo quanto era lado. Foram caindo um por um. Depois, o coronel mandou parar o trem que passava nas suas terras e amontoou os corpos dos policiais num vagão para serem deixados na estação, próximo à delegacia, acompanhados de um bilhete que dizia: "Quanto mais mandar mais eu mato!"*

Diante do sinistro relato, o caminhante fez um silêncio. Tentava imaginar aquela pacata cidade cercada de jagunços. Seu Wilson, como que lendo seus pensamentos, continuou:

– O Coronel tinha quase tantos jagunços quanto bois no pasto... e olha que o que ele tinha era boi. Um dos jagunços era um negro forte, grande, chamado Zebum. Ele era um cabra de confiança. Quando tinha que mandar alguém para fazer um serviço grande mandava o Zebum. Aconteceu de, por questão de política, o coronel Novaes se desgostar de um tal de Arquimedes. Mandou executar a família inteira dele. Trancou todo mundo dentro de casa e mandou botar fogo. Só escapou um garotinho, que fugiu para o mato. Não satisfeito, mandou matar também os irmãos do rapaz. Serviço desse tipo era o Zebum que fazia.

Não se sabe por que, acho que um sonho que o coronel teve, ele falou para seus jagunços: "Não quero que ninguém toque mais na família do Arquimedes. Já matei muita gente ali." Foi dada a ordem. Só que poucos dias depois, Zebum estava no barbeiro, o antigo Zé Moreira, esperando para fazer o cabelo. Enquanto esperava, ouvia a conversa do Seu Zé com o rapaz sentado na cadeira de barbeiro.

–Rapaz, tô vendo que você está armado. Por que isso agora?.

– Seu Zé, tão matando o pessoal da minha família tudo. Tenho que me defender.

Ali na barbearia todo mundo entra e sai, ninguém conhece ninguém. Zebum sabia que aquele era irmão do Arquimedes. E o instinto de jagunço falou mais forte: a chorar, chora



a mãe do outro. O capanga esperou o rapaz sair e queimou ele com tiro na entrada da barbearia. E ficou quieto. Tinha desobedecido a ordem do patrão.



Mas o coronel Novaes conhecia muito bem sua jagunçada. Notou que o Zebum estava estranho e chamou ele para conversar:

– Zebum, o que aconteceu?.

O negro ficou meio cabreiro e falou:

– Coronel, o sinhô tinha pedido para não matar mais ninguém da família do Arquimedes. Mas outro dia, eu matei o irmão dele.

O Coronel Novaes ficou quieto. Depois, olhou fixo para o capanga e disse:

– Olha, você vai ter que ficar um tempo escondido. Não pode ficar aqui. Você vai buscar abrigo na fazenda do cumpadre Manoel Brás. É mais seguro.

Antes de enviar o Zebum, entregou uma carta ao jagunço e disse:

– Entrega essa carta ao Coronel explicando a situação.

O capanga era analfabeto, pegou o envelope que nem lacrado estava e se foi mata a dentro. Em algumas horas, chegou na fazenda de Manoel Brás. Pediu para chamar o coronel e entregou a carta ao dono daquelas terras. Manoel Brás leu a correspondência de Novaes, mirou nos olhos do jagunço e falou:

– Você vai ficar aqui algum tempo. Se encosta para descansar por aí, que eu vou pedir para arrumarem lugar para você. E saiu.



Zebum arriou seu cavalo. Era um dia quente e ele se encostou num pé de manga para descansar. Pôs o chapéu na frente da cara e foi tirar um cochilo. Não deu muito, escutou alguns passos e o chamado firme: – Zebum!.

Capanga curtido, conhecia bem esse tom de chamamento. Tentou passar a mão na arma da cintura. Mas antes disso, sentiu o chumbo quente de carabina no meio do peito. E não sentiu mais nada.

Nem viu o papel da carta que entregou ao coronel ser jogado ali no chão. Nas últimas linhas podia se ler: "Acaba com esse cabra para mim!". O serviço foi feito!

Seu Wilson terminou de contar essa história e como que se divertindo com a cara de espanto do caminhante, sem deixar muito tempo para respirar, emendou logo outra antes que ele se retirasse:

– Tem a história de um outro Jagunço, o Zacarias. *Esse era um homem simples, trabalhador de roça. O tipo de gente pacata que a gente conhece por aí. Mas um dia se revoltou com essa vida de pobreza e foi na fazenda do Coronel Novaes para entregar sua vida à lida de jagunço. Foi falar com Juca da Cornela, capataz e homem de confiança do Coronel. Era ele quem mandava e treinava os capangas. Vendo aquele lavrador ali pedindo serviço, Juca falou:*

– Entrar para a vida de jagunço é fazer um pacto com o Cão, vender a alma ao diabo sem poder pedir de volta. Não tem volta não. Se quer desistir volta agora. Se não, pega essa arma e me espera ali naquele descampado perto do curral. Zacarias aceitou a arma e o capataz começou a treinar o rapaz. E passado um tempo, Zacarias tinha ficado um capanga melhor que a encomenda. Era bom no tiro, quieto, matava sem dó nem raiva. Ganhou a confiança do Coronel e do Juca da Cornela. Para os trabalhos mais complicados, era o Zacarias que era indicado.



Mas parece que uma parte de Zacarias não se acostumou com a lida de jagunço e ele começou a pensar em mudar de vida. Ainda mais quando conheceu a filha de um tal de Zé do Engenho, que era um lavrador chegado ali nas terras do Coronel. Zacarias foi, então, na casa desse Zé do Engenho pedir para se amigar com a filha dele. O pai da moça não gostou da idéia. Na manhã seguinte, Zacarias decidiu que ia pedir suas contas na fazenda, pegar a moça e sair dali. Chegando na casa do Zé do Engenho saiu arrastando a jovem pelo braço. Seu pai tentou proteger a filha, mas tomou um tiro e morreu antes de esboçar reação. Ele pôs a menina aterrorizada no cavalo e rumou para a casa da fazenda.

Chegando perto do casarão, deu uma bobeira e a moça fugiu

para dentro da casa. Encontrando a filha do Coronel, ela explicou a situação. A herdeira da fazenda disse:

– Procura o Juca da Cornela e traz ele aqui.

Disse isso e foi para a janela conversar com Zacarias.

– Ô Zacarias, você quer ir embora, mas o pai gosta tanto de você!.

Mas o jagunço estava decidido. Logo chegou o Juca da Cornela. A filha do coronel era esperta, olhou para o capataz numa conversa silenciosa entre chefe e empregado. Juca também chegou na janela e pediu para Zacarias entrar para acertar as contas. O rapaz estava cabreiro tentando achar a moça fugida, mas resolveu acertar logo a situação.

Entrou na casa preparado para alguma tocaia. Juca veio com um discurso assim:

– Olha Zacarias, você pode ir, mas acho que você virou homem frouxo. E também está ficando fraco na mira. Está vendo aquela moça passar ali...

E apontou para uma senhora que passava carregando uma trouxa de roupa na cabeça.

– Eu duvido de você arrebentar com a sua espingarda a trouxa de roupa dela.

Acostumado a ser bem considerado por Juca, Zacarias deixou seu orgulho de jagunço falar mais alto. Acertaria em cheio a mira, mostraria que ainda



era o mesmo e pediria as contas. Fez um gesto para o Juca e a filha do coronel se afastarem, chegou perto da janela, ajustou a espingarda e nem percebeu que o cano de revolver do Juca se aproximava de sua nuca... e antes de ajustar a mira, ouviu um estampido... e não viu e nem ouviu mais nada. E Juca ainda disse:
Eu te disse que ocê não ia ter sua alma de volta.

Terminado mais um caso e percebendo que era o suficiente, Seu Wilson abrandou a expressão grave, pôs a mão carinhosamente no ombro do caminhante e arrematou:

– Mas agora é tudo calmo por aqui. Boa noite. E seguiu pelas ruas esparsamente iluminadas.

Novamente sozinho, o peregrino lembrou que tinha que voltar para a segurança do hotel. Nesse momento, um estrondo. Um dos transformadores na rua estourou. A luz apagou. Com a imaginação ainda impregnada com as história de Seu Wilson, o peregrino deu um pulo para trás de susto, como se, por um instante, voltasse ao tempo dos coronéis.

Já em seu quarto, debaixo das cobertas, o peregrino concluíra que nem tudo que brilha é ouro. Não se pode e nem se deve julgar lugares ou pessoas pelas aparências. No caso da pacata Faria Lemos, a paz e a tranqüilidade de hoje lavou o sangue de ontem.

Na manhã seguinte, reiniciada a jornada, a poucos quilômetros da saída da cidade, o caminhante se achou sorrindo sozinho. Estava defronte à Fazenda Boa Esperança, a antiga fortaleza do Coronel Novaes.

Depois de passar pela fazenda São Pedro, em direção à Carangola, o caminhante deparou-se com um pescador que trazia em uma das mãos três varas de pescar e na outra, uma fieira carregada de peixes. Saldou-o dizendo:

– Boa tarde, senhor! A pescaria foi boa, heim?

– Pois é, hoje deu para pegar uns peixinhos: lambaris, carás, bagres e até um piau. Nessa beira-rio dá de tudo! Noutro dia mesmo eu esta-

va quietinho em meu canto pescando, já era quase meio dia, quando comecei a ouvir um canto muito bonito na beira d'água e como não tinha mais ninguém por ali, fiquei intrigado com aquilo. Era uma voz de mulher, muito bonita e afinada, que parecia estar acompanhada por uma harpa de som suave e encantador. Não resisti e fui devagarinho até a pedra de onde saia o canto para ver o que era aquilo. Para minha surpresa, eu vi uma jovem muito bonita, metade mulher, metade de peixe, estendida na pedra tomando sol. Levei o maior susto!. Ela também e, logo que me viu, caiu na água desaparecendo por dentro do rio. Dizem que é a Iara, uma mulher – peixe que mora nas águas dos rios e cachoeiras. Espero que ninguém fisgue ela com anzol para que eu possa vê-la de novo!

A história do pescador só veio confirmar que "existem muito mais mistérios entre o céu e a terra do que nossa vã filosofia possa imaginar". Quando o homem se desvirtuou de Deus, adorando o dinheiro e matéria, buscando seu acúmulo exacerbado, perdeu o contato com o divino. Mas, ao se reaproximar do Criador, buscando-o na quietude de seu coração, é tocado pelos encantos divinos e descobre que Ele mora na natureza, nas águas, nas pedras, na terra, no céu e principalmente no coração puro do próprio homem.

Depois de quase um dia de caminhada, passando pela secular Fazenda das Palmeiras e pela Serra dos Cristais, onde as luzes do dia e da noite se refletem naqueles minerais, o peregrino chegou à Carangola. Próximo ao Horto Florestal do município, comprovava que o acaso realmente não existia. Sentado ao lado de um amigo, Geraldo Tabuleta, com quem se encontrara dois dias antes na Pedra do

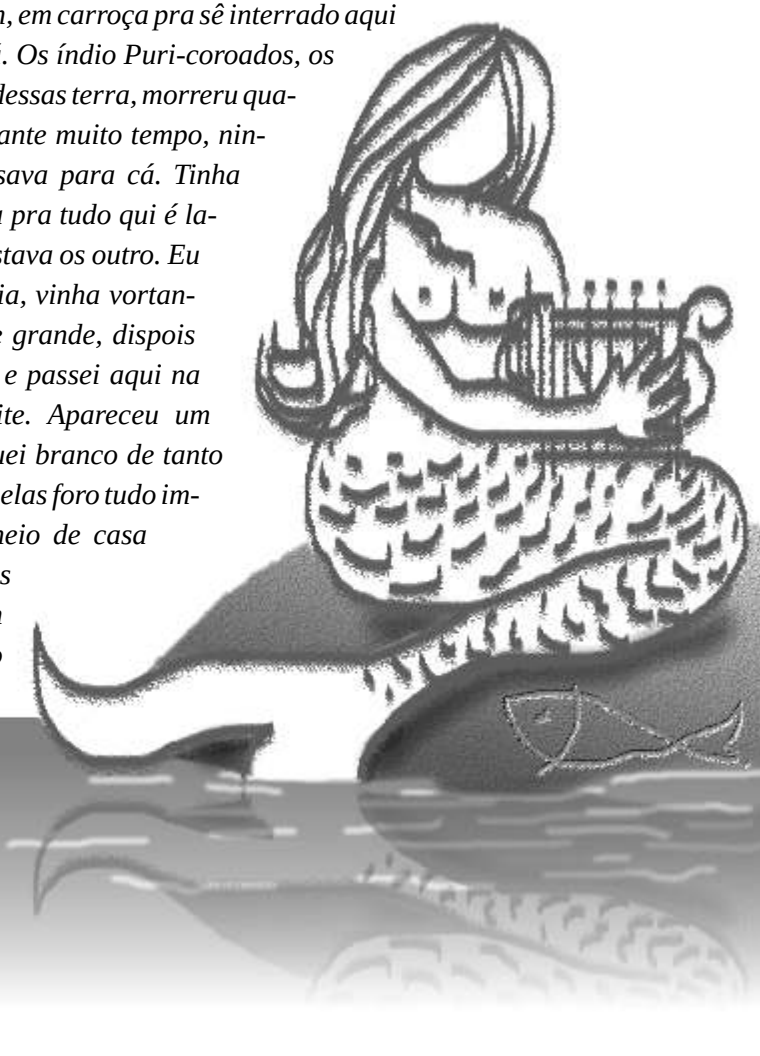
Lagarto, saudou o caminhante:

– Cê anda muito, né?

O peregrino respondeu:

– Pois é, Tabuleta... e ainda falta muito para chegar ao Pico da Bandeira. Bonito esse lugar, heim?

–Bunito agora. Mas essas árvore tão tudo adubada com os corpo dos índio puri. Quando eu ainda era um negro forte, novim, deu uma doença cá em Carangola, uma tal de gripe instrangeira... matô muita gente. Todo dia, era mais de deis que morria... passava tudo aqui assim, em carroça pra sê interrado aqui e outros lugá. Os índio Puri-coroados, os antigo dono dessas terra, morreru quase tudo. Durante muito tempo, ninguém travessava para cá. Tinha arma penada pra tudo qui é lado, que assustava os outro. Eu mesmo um dia, vinha vortando da árvore grande, dispois da pescaria, e passei aqui na boca da noite. Apareceu um trem que fiquei branco de tanto corrê. Agora elas foro tudo imbora e tá cheio de casa por aqui. Mas mesmo assim num passo





Coroné

aqui de noite, não, sô! Sei lá se elas vortam?

–Despediu-se pela segunda vez de Tabuleta e rumou para o centro da cidade, onde naquela noite um grupo de Caxambu fazia uma apresentação cultural na Praça da Matriz. Foi lá que Louzada contou para ele a importância de preservar aquela cultura, pois foi através dela que os negros vindos da África puderam manter vivas suas tradições religiosas:

– Há muito tempo, lá pelos idos da escravidão, os negros se reuniam para dançar o Caxambu. *Enquanto os senhores ficavam entretidos com a dança, os outros estavam lá dentro da senzala fazendo suas oferendas, cultuando os orixás e até fazendo algumas feituras. Assim, nossos antepassados preservavam a cultura que os acompanharam na travessia dos oceanos nos porões dos navios, onde eram transportados como animais e depois comercializados para os senhores das fazendas de café da região.*

O peregrino iniciava o quinto dia de jornada. Havia passado em frente à faculdade de filosofia, onde no herbário Guido Pabst estão armazenadas mais de vinte mil espécies de plantas dissecadas, guardando a história viva da natureza na região. Apesar da área de pesquisa abrangida pelo herbário não ser tão extensa, ela é considerada por demais significativa. Durante o Período do Pleistoceno, quando o planeta fora alagado ou congelado, a região onde hoje passa o Caminho da Luz foi uma das poucas ilhas na América do Sul que não ficou submersa. Com o baixar das águas, tornou-se uma área de distribuição da flora e da fauna para o repovoamento da vida no planeta.

Um longo e singular trajeto deveria ser percorrido até Espera Feliz. Após aproximadamente dez quilômetros de caminhada, o peregrino deparou-se com um dos trechos mais bonitos do Caminho da Luz. É a antiga estação ferroviária de abastecimento de Parada General. A partir daí, percorre-se em meio a paredões rochosos e escarpas de uma serra de matas verdes, uma espécie de cidade fantasma. A trilha segue o leito da antiga Estrada de Ferro Leopoldina, construída no século XIX para escoar o café da região para o Rio de Janeiro e marcada por muitas lendas e histórias. O caminho segue lado a lado com ruínas de inúmeras construções. São casas, túneis e estações de trem tomados pela mata. Mais cinco quilômetros e pode-se ver a construção abandonada da Estação de Ernestina. Pela descrição de antigos moradores é possível voltar ao passado e imaginar a Maria Fumaça chegando na Estação, empregados carregando sacas de café nos vagões, senhoras e crianças esperando passageiros.

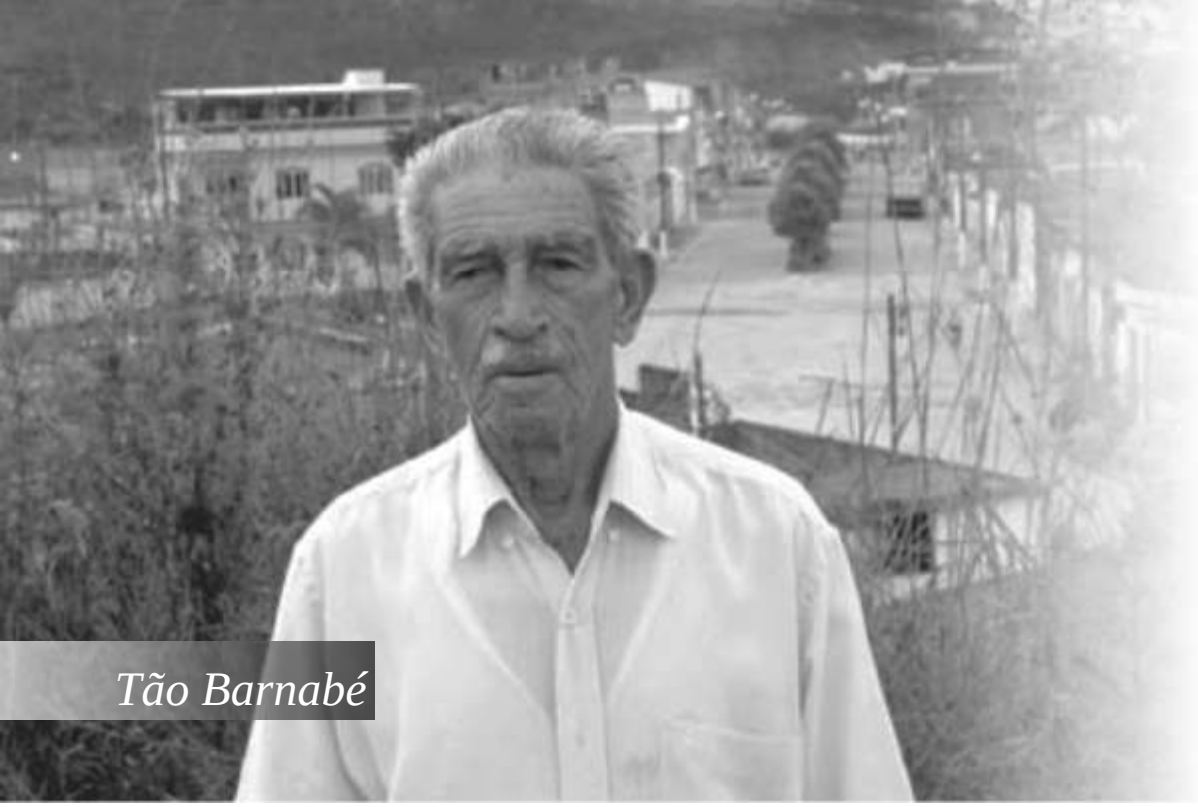
Percorrendo a trilha de Ernestina, caminhando pelo leito da antiga linha ferroviária, o peregrino viu ao longe um pequeno senhor montado num burrico branco. Sentou na pedra junto à gruta de Santa Clara, onde alguns caminhantes já obtiveram milagres em suas águas, para descansar e esperar o senhor passar. Ele chegou com um sorriso maroto, logo se apresentando:

– Tá fazendo a caminhada? *Meu nome é Cordovil Campos Alvim, mas o pessoal só me chama de Coroné. Essas terras hoje são minhas. Quando a estação saiu daqui, a companhia Leopoldina disse: – O que tem cerca continua nosso. O que não tem, pode ficar. E eu fiquei com essa parte aqui. Mas eu moro em Carangola.*

E o velho senhor, com seus oitenta e quatro anos, desceu ligeiro do cavalo tomando cuidado com um dos braços. O caminhante perguntou se estava machucado. Ele disse que foi só coisa boba, um tombo à toa. E ressaltou:

– Mas muita gente já se machucou nesse caminho. *Nesse trechinho de estrada de ferro já teve muito acidente"* – virou a cabeça em direção ao caminho que deveria ser trilhado pelo caminhante e disse:

– Mais para frente, depois de Ernestina, você vai ver uma pedreira que do outro lado é só barranco. Ali aconteceu um caso grave. Quando eles estavam construindo a ferrovia, tinham que abrir caminho nessas pedreiras tudo aí. Você já viu que a estrada toda corta a montanha. Naquela época, não tinha muito equipamento não. Eles



Tão Barnabé

subiam na pedra, faziam buraco, botavam ali dinamite e explodiam. Assim faziam de pedra em pedra. Mas teve uma que foi explodida e não desceu de todo, um bloco imenso de pedra que ficou preso. Os trabalhadores subiram ali para fazer o trabalho e aquele pedaço de montanha deslizou esmagando e levando quem estava na pedra e embaixo. Morreram umas quinze pessoas. Dizem que algumas ficaram presas, vivas com a cintura para fora e a parte de baixo esmagada. Tiveram que esperar eles morrerem para dinamitar a pedra. Aquele lugar é hoje chamado Pedra Criminosa.

Em outra ocasião, com a ferrovia já construída, aconteceu um grande deslizamento que arrastou a locomotiva e vários vagões, soterrando-os nessas montanhas. Morreram mais de 50 pessoas. A locomotiva foi resgatada, mas os vagões com os trabalhadores continuam soterrados não se sabe aonde.

Terminada a contação dos casos, o senhor novamente enviou

o mesmo sorriso de criança da chegada. Apertou a mão do caminhante, montou em seu burrico e disse:

– ***A gente se vê novamente por aí, como o sol que um dia encontra a lua... ou não.***

O trecho de Ernestina é cheio de mistérios. Não é por acaso que é considerado um dos mais belos e mágicos do Caminho. Conta uma lenda que ali vive um grande pássaro, diferente de qualquer outro da região. Aqueles que já o viram afirmam que tem cerca de 2 metros de envergadura... tem a plumagem marrom escura, que cintila quando voa. Conta o imaginário popular que o pássaro seria o espírito de um guerreiro puri-coroado, que habitava a região e morrera em combate na defesa daquele santuário ecológico. Hoje, ele é o guardião do trecho. Dizem os mais antigos que aquele que consegue ver o grande pássaro tem o coração puro e como graça recebe as bênçãos dos seres elementais que habitam naquele lugar. São pessoas de sorte. Há também quem diga que o túnel de pedra é um lugar de concentração energética, porque ali reside uma entidade feminina da natureza.

Ao sair do caminho de Ernestina, o caminhante teve a impressão de que estivera em um mundo paralelo... um universo à parte, onde tempo e espaço se esvaecem na magia daquela trilha secular, adornada por minas de cristais e paredes rochosas. No musgo verde das pedras repletas de bromélias, samambaias e avencas, bailam borboletas e pirilampos de diversos tamanhos e múltiplas cores... pequenos seres que voam como fadas para encantar os que passam pelo lugar.

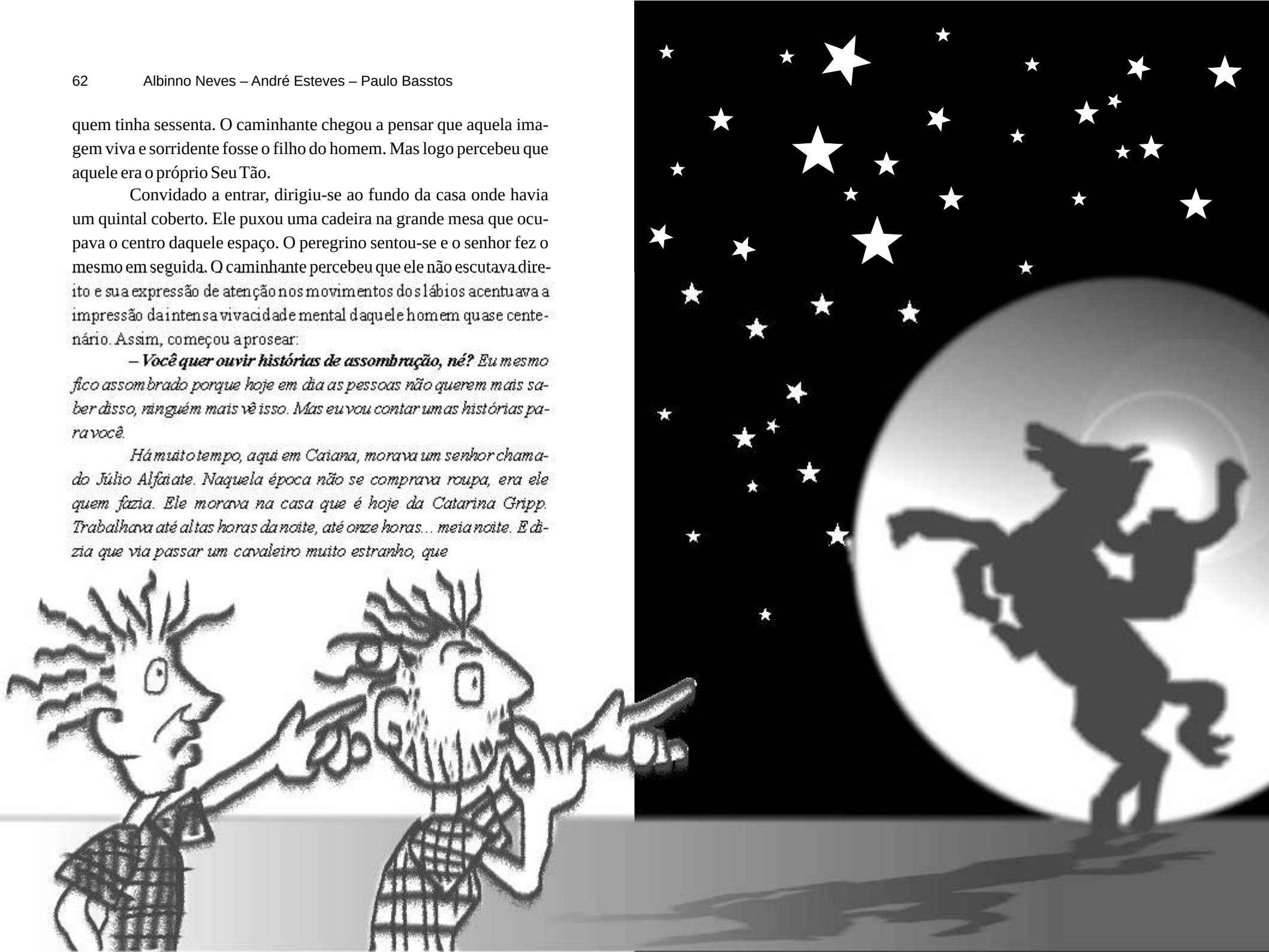
O trecho que liga Ernestina a Caiana tem o chão iluminado pela mica e o cristal que abundam em todo o percurso, cintilando como estrelas a conduzir o caminhante à bela e pacata Caiana. Na cidade, o caminhante dirigiu-se à casa do senhor Tão Barnabé. Chamou por ele e, na segunda vez, Seu Tão apareceu. Quando surgiu diante do portão azul de sua casa, o peregrino ficou surpreso. Afinal, estava diante de um senhor de noventa e dois anos com a aparência e vigor de

quem tinha sessenta. O caminhante chegou a pensar que aquela imagem viva e sorridente fosse o filho do homem. Mas logo percebeu que aquele era o próprio Seu Tão.

Convidado a entrar, dirigiu-se ao fundo da casa onde havia um quintal coberto. Ele puxou uma cadeira na grande mesa que ocupava o centro daquele espaço. O peregrino sentou-se e o senhor fez o mesmo em seguida. O caminhante percebeu que ele não escutava direito e sua expressão de atenção nos movimentos dos lábios acentuava a impressão da intensa vivacidade mental daquele homem quase centenário. Assim, começou a prosear:

– Você quer ouvir histórias de assombração, né? *Eu mesmo fico assombrado porque hoje em dia as pessoas não querem mais saber disso, ninguém mais vê isso. Mas eu vou contar umas histórias para você.*

Há muito tempo, aqui em Caiana, morava um senhor chamado Júlio Alfaiate. Naquela época não se comprava roupa, era ele quem fazia. Ele morava na casa que é hoje da Catarina Gripp. Trabalhava até altas horas da noite, até onze horas... meia noite. E dizia que via passar um cavaleiro muito estranho, que



atravessava a rua com um cavalo castanho claro e um laço de fita pendurado no arreio. Ninguém acreditava e diziam que era invenção do seu Júlio Alfaiate.

Aconteceu que morreu um sobrinho meu e foram umas pessoas fazer velório, passar a noite fazendo quarto, como se costumava dizer. Quando eram altas horas da noite, ouviram um barulho e, para espanto geral, apareceu um cavaleiro igual ao que era descrito por Seu Júlio Alfaiate. Saímos em três atrás do cavaleiro: eu, Caboclo Barnabé e José Toledo, um pedreiro conhecido na cidade.

Fomos até a ponte de madeira no caminho de Espera Feliz. Antes da ponte, havia uma porteira que estava fechada, mas quando eles se aproximaram do cavaleiro, ele desapareceu sem deixar o mínimo sinal. Eu estava lá e vi que ele não abriu a porteira nem atravessou a ponte, que era de madeira e ia fazer uma barulheira danada. Daí em diante, ninguém na cidade duvidou da história do Seu Júlio Alfaiate. E mais: um dia por acaso fiquei sabendo de um antigo fazendeiro morto na região que tinha a mesma descrição do tal cavaleiro.

Terminado esse caso, Seu Tão perguntou ao caminhante se ele queria tomar um café. Acrescentou:

– Você quer com uma mão ou com duas?

O peregrino pediu desculpas e disse que não tinha entendido.

– Com uma mão é só café. Com duas, é café com broa de milho.

– Ah, então quero com duas.

Durante o café, Seu Tão falou:

– Naquele tempo, na época da quaresma, ninguém saia à noite com medo de Lobisomem. *Lá em Ernestina tinha uma fazenda grande do João Teodoro. Numa madrugada, escutaram uma barulheira no chiqueiro. Foram ver o que era. Encontraram um bicho, parecia um porco enorme, batendo nos outros porcos. O pessoal da fazenda falou: –Vão pegar esse porco!!. Quando abriram a porteira do chiqueiro, os cachorros foram atrás dele. Aquele bicho virou, deu um pulo numa cerca alta e fugiu mata adentro. Os empregados da fazenda foram atrás com espingarda. Encontraram ele amoitado perto de um riacho. Eram 3 homens. Um deles pegou a espingarda e acertou em cheio no bicho. Eles chegaram perto e ninguém sabia reconhecer o que era aquilo... um porco, um cachorro, um homem. No dia seguinte, levaram a criatura para a polícia e chamaram até um caçador para dizer o que era aquilo. Ninguém soube responder. Por coincidência, tinha um empregado de uma fazenda ali atrás do morro que desse dia em diante também sumiu, ninguém mais deu notícia dele.*

Terminada a história, Seu Tão olhou para o copo do caminhante intocado na mesa:

– Bebe, que seu café vai esfriar! E continuou:

– E Saci, você acredita? *Na quaresma é engraçado, todas as criaturas ficam soltas por aí... mas chega na sexta-feira da paixão, some tudo e elas voltam do lugar de onde vieram. Uma vez, era quaresma também, tinha um grupo de cachorros latindo muito no final da cidade. Eles latiam, latiam, latiam... e voltavam para trás ganindo com medo. Eu era novo. Reunimos um grupo para ver aquilo. Era uma coisa esquisita, um redemoinho que levantava folha e poeira que ia para cá, para lá... e os cachorros atrás. A coisa estranha entrou na mata e a gente foi seguindo. Os cachorros também latindo e voltando com medo. Foi na direção de uma cachoeira aqui perto. Era assim mesmo: um redemoinho que passava e sacudia as folhagens. Fomos seguindo ele pela beira do rio, até que a coisa chegou na cachoeira e se jogou lá em baixo se perdendo na mata. Você sabe o que era aquilo? Saci-pererê!*

Sem que o caminhante notasse, já havia escurecido. Ele tinha que voltar para a casa onde estava hospedado em Caiana. Deu um abraço em seu Tão e, ao se despedir, contemplou mais uma vez o sorriso franco e jovial daquele homem. *Teria ele noventa e dois ano mesmo?*

De volta para onde estava hospedado, o peregrino refletia so-

bre as histórias. Ao mesmo tempo, pensava o quanto as pessoas idosas no Brasil são deixadas de lado. Dessa forma, uma parte importante da História do país vai se perdendo. Na era da comunicação cibernética, causos como o de Seu Tão, por mais verdadeiros que sejam, são vistos como tola ficção. Em outros pontos do planeta, como no Oriente, um velho é uma fonte de sabedoria. Em países como o Brasil, são abandonados e entregues à própria sorte. São obrigados a remoer sua história e cultura por falta de pessoas que queiram ouvir e retransmitir para outras essa significativa herança, de forma que esse patrimônio não se perca no tempo.

No dia seguinte, depois de visitar, ainda em Caiana, a mina de cristais, seguiu para Espera Feliz. Em uma hora e meia de caminhada o peregrino chegou à cidade das flores, indo parar na capela de pedra de Nossa Senhora da Glória. Era um momento de oração e reflexão. Naquela praça, ao lado do templo, surgiu o nome da cidade. Saiu dali e sentou-se num banco, contemplando o cotidiano da vida local.



Aldo Luiz



Ao seu lado sentou um senhor com uma roupa camuflada de exército, cabelo amarrado, coturno militar e um facão na cintura. Os dois companheiros de banco entreolharam-se. E o homem foi logo dizendo:

– Cê tá fazendo o Caminho da Luz, né? Sou eu quem, com a eco-brigada, limpamos a trilha de Ernestina. ***Isso aqui tudo já foi mata.*** *Tá vendo aquela fonte? Ela jorra água há uns 200 anos. Os tropeiros que passavam por aqui indo para o Rio de Janeiro e o Espírito Santo ou voltando de lá sabiam que quando chegavam nessa fonte, além da água, tinham o alimento para comer. É que aqui, assim como o homem, a caça vinha beber água. Bastava esperar um pouquinho que a espera era feliz. A caça era certa e todos sabiam. Acabou o lugar recebendo o nome: Espera Feliz.*

Aldo Luiz, conhecido por todos na cidade, se mostrava um bom contador de causo. Principalmente por sentir no peregrino o interesse pelas coisas da terra.

– Certa vez, um capitão do mato, homem experiente e valente, daqueles que tinha um bacamarte de grosso calibre, resolveu passar a noite perto da fonte para tocaiar uma onça enorme que andava assustando a caça que vinha beber água. O capitão mandou seus homens embora, argumentando que queria fazer o serviço sozinho. Ele

não queria dividir a glória com ninguém. Dizem que isso aconteceu num dia de lua cheia numa sexta-feira 13. Enquanto a tropa aguardava no acampamento, o capitão do mato tava lá na tocaia. Todo mundo já estava dormindo quando, de repente, o capitão entrou correndo no acampamento com a roupa esfarrapada e todo arranhado. Dizia gaguejando que o bicho tinha pulado na sua carcunda. No dia seguinte, os homens foram ver o tamanho da pegada da onça. Chegando lá, não tinha marca nenhuma. O que eles viram foi um galho que caiu da árvore assustando o capitão, que não teve tempo nem de pegar o bacamarte, que continuava encostado na pedra junto ao seu chapéu todo amassado.

Depois daquela história, o peregrino foi para o hotel tomar banho e jantar. No dia seguinte, teria um longo trecho para caminhar. Pela manhã, depois do desjejum, no hall de entrada do hotel, ficou contemplando umas fotos sobre pontos turísticos da região. Deteve-se mais longamente na de uma tal "Cachoeira da Pedra Furada", que ficava na comunidade do Vale à Pena, a uns poucos quilômetros de Espera Feliz. Ao perceber o interesse do peregrino pela cachoeira, um senhor de cabelo longo e grisalho lhe disse:

– Quem fez aquele buraco foi uma sonda ufológica, que na hora de levantar vôo, lançou sua energia sobre a espessa pedra, fazendo um furo onde cabe um homem dentro.

O ufólogo doutor Renato Milholo foi mais a fundo sobre o assunto, afirmando:

– A região de Espera feliz e do Caparaó são importantes centros de força energética. Aqui existe um espaço interdimensional onde as naves espaciais costumam entrar para vistoriar a região. Comenta-se que aqui tem muita gente que já foi abduzida.

Como o caminho era longo, o peregrino não se deteve mais na conversa, pedindo licença a Renato Milholo para seguir viagem. Na estrada de terra que levava a Caparaó, o caminhante passou por Pedra Menina. Ficou sabendo que tanto aquela montanha como o vila-



Dona Magnólia

rejo ganharam esse nome por causa de uma antiga lenda. Dizem que uma índia, apaixonada por um índio que a desprezara, casando-se com outra , resolvera dar cabo de sua vida. Subiu no alto de uma montanha e atirou-se lá de cima. Seu espírito foi encantado, transformando-se na Pedra Menina. Essa história de amor imortalizou a jovem índia.

O caminhante parou no Caparaó para carimbar sua credencial no bar do Daniel. E mesmo sabendo que ainda faltavam treze quilômetros para caminhar, não se conteve em puxar assunto com uma velha senhora, que devido ao avançar dos anos, assemelhava-se a um personagem das lendas da região. De Dona Magnólia, ouviu a seguinte história:

– Não sei se você sabe, mas no passado tinha muito ex-escravo morando na região. *Eles se reuniam por essas bandas na época de São João para dançar o Caxambu. Os negros se encontravam, iam para um lugar de mata, levavam seus batuques e era a noite inteira de dança e canto. Existia uma coisa encantada que as pessoas diziam: um senhor mais velho no início da dança plantava um pé de bananeira num canto. Começava a dança e o pé começava a crescer, brotar... a noite ia varando e a bananeira crescia como empurrada pelo ritmo do batuque. Já na alta madrugada era planta adulta, abria os cachos... e junto com o amanhecer a planta dava banana madura, que era colhida e distribuída para todos. Ah, já teve muito Caxambu por aqui. Hoje, não tem mais não.*

Ao ver a atenção com que o caminhante ouvia a velha senhora, Zezé, que acompanha o Caminho da Luz desde a sua criação, aproveitou para contar-lhe a respeito da lenda que deu nome ao município:

– Aqui na serra do Caparaó existia um boi muito bravo, tão bravo que era temido pelos melhores boiadeiros da região. *Ninguém se atrevia com o danado, que era chamado de Ó. Ele bufava, firmava as patas dianteiras, lançava terra para trás e partia sem dó. Mas toda araruta tem seu dia de mingau. Certo dia, o boi marvado virou presa de três destemidos boiadeiros. O trio subiu a serra, laçou o valente e os três caparam o Ó. Daí o nome: Caparaó. Contam os mais antigos que eles pegaram os trens do boi, mandaram cozinhar para servir de tira gosto numa cachaçada entre os peões.*

Quando chegou, já era noite em Alto Caparaó. O céu estava estrelado. Não podia deixar de visitar o Observatório HM, onde se encontra o maior telescópio particular do país. Ali descobriu que seu Hodias Miranda é dentista pelo peculiar cheiro de medicamento que vem de seu consultório. O observatório recebe pessoas de todo o país. O caminhante era mais um em sua vasta lista de visitas. Ao saber de seu interesse sobre os mistérios do céu, levou o peregrino para conhecer o telescópio encomendado na Califórnia. Autodidata, Hodias con-





Zezé

Ajustou o telescópio e como os cientistas dos livros de história, fez uma explanação sobre uma teoria própria, resultado de seus estudos celestes:

– Está vendo essa mancha escura perto das Três Marias? É um buraco imenso na altura da constelação de Órion com formato de cabeça de cavalo. Os cientistas não sabem o que é, só sabem que o buraco está aumentando. Para mim, aquele é o centro do nosso universo, lugar onde mora Deus. Li uma reportagem onde um teólogo confirma isso num diálogo com um cientista: esse buraco está aumentando porque é ali que no final dos tempos reaparecerá Jesus com sua legião de anjos... e por onde entrarão nos céus todas as almas salvas no reino de Deus.

Deixou o observatório carregando consigo a preconização do astrônomo, cuja previsão não tem data para acontecer. O dia seguinte foi reservado a um merecido descanso. Iria conhecer a cidade

tou que fez pessoalmente os planos de construção do observatório e faz todos os reparos ali mesmo. Ao ajustar o telescópio para observar Saturno, o senhor contou sua paixão antiga pela abóbada celeste:

– Uma vez eu era pequeno e passeava com meu pai na roça. *Quando olhei para o céu, vi aquela coisa linda... uma luz, um rasgo vertical no céu que lembrava uma lentilha, abrindo e fechando. Nunca soube o que era aquilo, mas nunca me esqueci. E mais tarde, fui me interessando por telescópios para ver o céu. Estudando os astros e estrelas a gente percebe que nossa vida é muito curtinha para entender uma coisa tão grande.*

Quando já tinha observado Saturno, Hodias olhou e disse:

– Desce daí um pouquinho que eu vou te mostrar uma coisa na constelação de Órion.



Hodias Miranda



Guerrilheiros

e a entrada do Parque Nacional do Caparaó. No fim da tarde, em frente à igreja e à pousada Serra Azul, onde iria receber o certificado de caminhante da luz, sentou-se num banco onde estavam reunidos muitos senhores do lugar. A conversa era sobre a guerrilha do Caparaó, cujo documentário "É tudo Verdade" acabara de ser premiado num festival de cinema. Entre os presentes, alguns moradores serviram de guia para as tropas de quatro mil soldados que ocuparam as cidades no entorno do Caparaó, num desproporcional cerco aos guerrilheiros.

Seu Antônio Leite, setenta e cinco anos, já morou dentro dos limites do Parque e foi um dos guias para as tropas da polícia. O senhor trazia consigo as fotos da captura de oito guerrilheiros, um presente do capitão da operação. Na sua versão dos fatos, a prisão dos revolucionários deve-se ao seu primo:

–Ele era meio avariado das idéias e estava perambulando lá

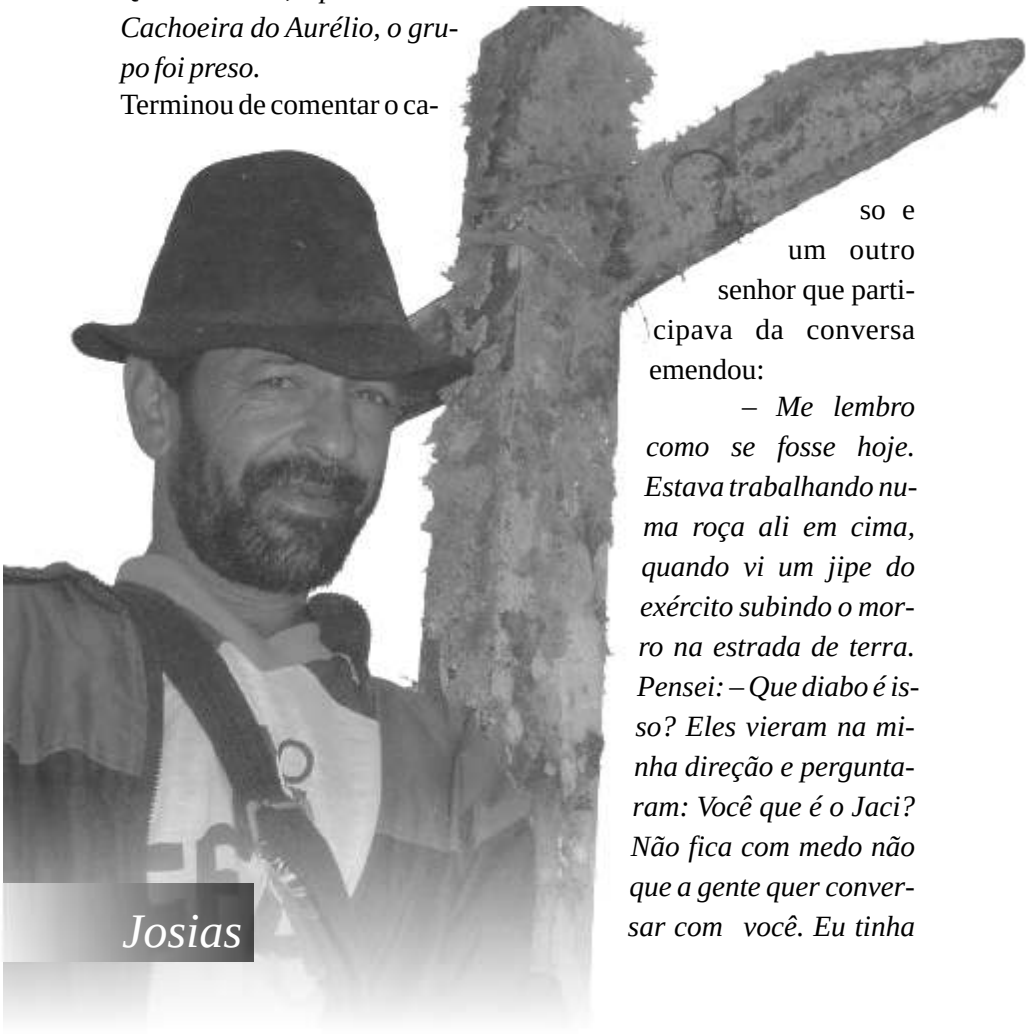




no alto da Serra, para as bandas da Casa Queimada. Quando os guerrilheiros viram, prenderam ele. Meu primo era meio demente e começou a dançar com um cabo de vassouras nas costas: –Ah, meus bois, vou pastorear meus bois.... Os homens viram e disseram: – Isso é um doido, deixa ele ir. Quando chegou lá embaixo, falou para a polícia que uns caras lá em cima queriam roubar seus bois. Ele foi e mostrou onde os guerrilheiros estavam. De noite, num lugar chamado Capim Queimado, próximo à Cachoeira do Aurélio, o grupo foi preso.

Terminou de comentar o caso e um outro senhor que participava da conversa emendou:

– Me lembro como se fosse hoje. Estava trabalhando numa roça ali em cima, quando vi um jipe do exército subindo o morro na estrada de terra. Pensei: – Que diabo é isso? Eles vieram na minha direção e perguntaram: Você que é o Jaci? Não fica com medo não que a gente quer conversar com você. Eu tinha



Josias

só quatorze anos e o pessoal na cidade tinha me indicado para guia. Trabalhei junto com meu pai. Eu pegava as mulas e ia levar o rancho lá em cima para os soldados. Isso tudo estava cercado de polícia: de Minas, do Espírito Santo, o exército... mais de 3 mil. Eles ficavam concentrados na Tronqueira e no Terreirão. De cinqüenta em cinqüenta metros tinha soldado montando guarda na serra. Os guerrilheiros ficavam mais para o lado da Casa Queimada e da Macieira, no lado do Espírito Santo. Achei aquilo meio desproporcional. Me lembro que eles apontavam a metralhadora para onde achavam que era suspeito e mandavam bala. Só paravam quando ficava só terra. A gente tinha que usar um lenço azul de reconhecimento. Tanto fizeram que caiu um avião do exército aqui na Serra. Uma parte dele está em cima da Casa de Pedra, no Terreirão.

Logo foram aparecendo outros e a conversa foi se esticando. Josias é guia na região e tratou de contar o causo de Aurélio, o valen-



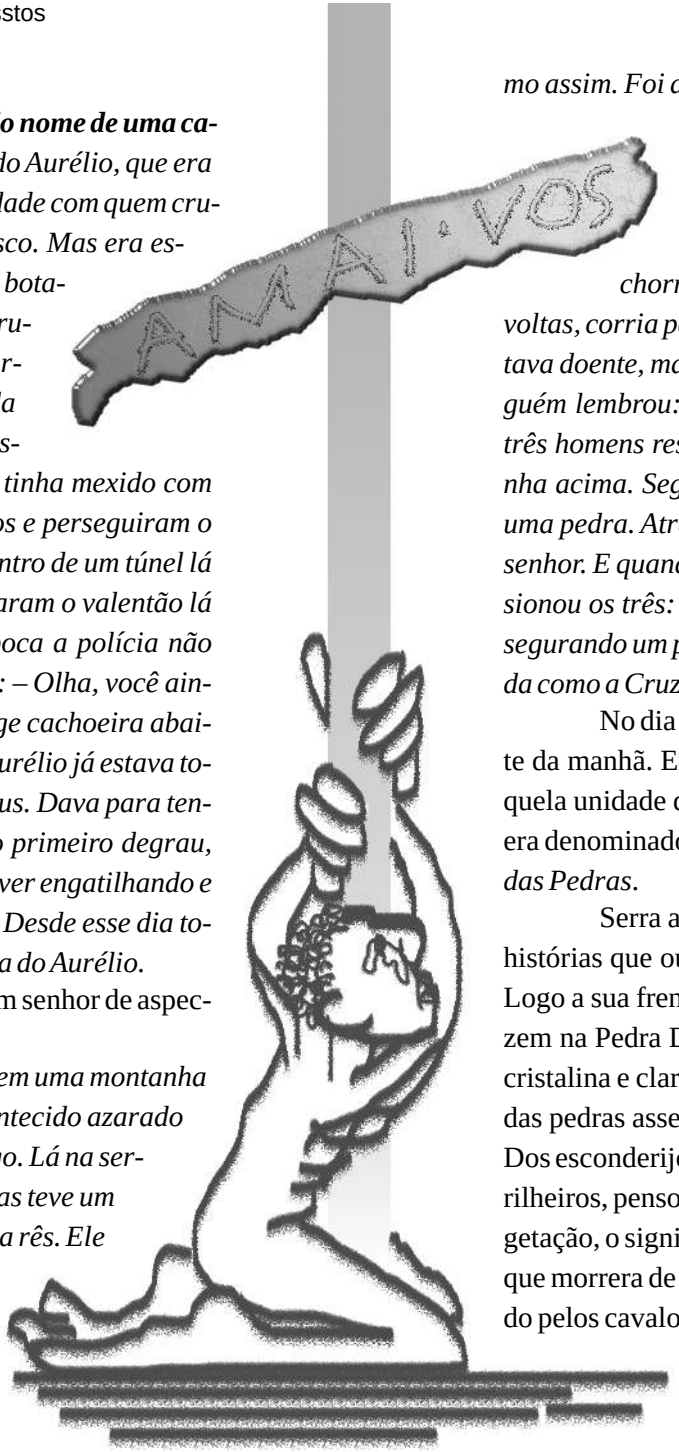
Jaci

tão:

– Tem uma história boa que diz o porquê do nome de uma cachoeira do Parque. *Havia aqui um homem chamado Aurélio, que era um valentão, gente ruim, marvado. Fazia perversidade com quem cruzasse o seu caminho. Quando bebia virava o corisco. Mas era escorregadio igual quiabo ensaboado e a polícia não botava a mão nele. Um dia, por causa de mulher, ele arrumou briga com um rapaz num bar. Com uma faca, arrancou um pedaço de orelha dele e enfiou a danada na barriga do coitado. O sujeito ficou mal. Só que esse moço era irmão de um cabo da polícia. E aí já tinha mexido com honra de família. O policial chamou seus parceiros e perseguiram o valentão. Fuçaram, fuçaram, até achar Aurélio dentro de um túnel lá perto de Pedra Menina. Mas judiaram dele! E levaram o valentão lá para uma cachoeira dentro do Parque. Nessa época a polícia não prendia não, matava mesmo. Lá de cima disseram: – Olha, você ainda tem uma chance. Vamos soltar você. Corre e foge cachoeira abaixo. Se você morrer de tiro complica para a gente. Aurélio já estava todo estropiado. A cachoeira era alta, mas em degraus. Dava para tentar. Quando gritaram: SAI!!!, ele correu. Pulou o primeiro degrau, quando ia pular o segundo só ouviu o click de revolver engatilhando e um impacto forte na nuca. Caiu morto lá embaixo. Desde esse dia todo mundo conheceu essa cachoeira como cachoeira do Aurélio.*

Mal Josias fechou a história, Seu Osmar, um senhor de aspecto respeitoso, pegou a vez:

– Vocês estão falando de cachoeira. *Mas tem uma montanha lá na Serra que tem seu nome por causa de um acontecido azarado de um pobre coitado. É a montanha da Cruz do Nego. Lá na serra tinha um senhor crioulo que pastoreava bois. Mas teve um dia que já estava ficando tarde e ele deu falta de uma rês. Ele estava lá no alto da Serra. Olhou para o tempo, viu que estava fechado, mas foi atrás do boi mesmo assim. Foi andando lá para os lados do morro do Cristal com seu cachorro. Ele andava pela serra quando o tempo fechou, as nuvens baixaram. O senhor tentou voltar, mas errou o caminho. Ficou perdido na montanha. Um tempo depois, veio uma conversa que tinha um cachorro que estava doido ali em cima na serra. Latia, dava voltas, corria para cima, latia. Chegaram a pensar que o cachorro estava doente, mas quando já iam arrumar idéia de atirar no bicho, alguém lembrou: "Olha, o nego Ziel subiu a serra com esse cão!" E três homens resolveram seguir o cachorro. Ele foi andando montanha acima. Seguiu por um caminho desconhecido e parou perto de uma pedra. Atrás da pedra, agachado, duro que nem pedra, estava o senhor. E quando chegaram mais perto viram uma coisa que impressionou os três: o senhor negro estava agachado, olho esbugalhado, segurando um palito de fósforo na mão. E aquele local ficou conhecida como a Cruz do Crioulo.*



No dia seguinte, acordou cedo e esperou o Parque abrir às sete da manhã. Enquanto isso, procurava saber a origem do nome daquela unidade de conservação ambiental. Foi informado que o lugar era denominado pela antiga população indígena de *Águas que Rolam das Pedras*.

Serra acima, lá foi o caminhante, ruminando pelas trilhas as histórias que ouviu. Na Casa de Pedra lembrou-se da Gruta Santa... Logo a sua frente, os raios de sol refletiam-se na montanha como fazem na Pedra Dourada... Na travessia do pequeno riacho a água era cristalina e clara como a Água Santa.... A multiplicidade das formas das pedras assemelhava-se com o mimetismo da Pedra do Lagarto... Dos esconderijos na montanha, recordou-se da guerrilha... e dos guerrilheiros, pensou na valentia do Coronel Novaes... Dos estágios da vegetação, o significado do Pleistoceno... Na Cruz do Crioulo, do negro que morrera de frio em uma espera que não foi feliz... Foi surpreendido pelos cavalos selvagens do Parque e lembrou-se da valentia do boi



Ó... O pico do Cristal parecia observar de longe as lembranças do caminhante, da mesma forma que presenciara tantas vezes ao longo dos séculos os rituais indígenas e as pajelanças.
Por um instante, a desesperança: a neblina cobria o cruzeiro. Veio, então, a luz do caminho, e o nevoeiro dissipou-se com um lufar de vento. Naquele momento, sentiu-se amparado pelas mãos do Deus Rudá.
Lembrou-se de Itatuitim, que lhe indicara um novo caminho dentro do Caminho.